



BICHOS DA BR-242/MT

GUIA ILUSTRADO DOS ANIMAIS DE UMA
REGIÃO DE TRANSIÇÃO AMAZÔNIA-CERRADO

ROGÉRIO VIEIRA ROSSI
VANDIR MANFÉ
(Organizadores)

paruna



ROGÉRIO VIEIRA ROSSI
VANDIR MANFÉ
(Organizadores)

BICHOS DA BR-242/MT

GUIA ILUSTRADO DOS ANIMAIS DE UMA
REGIÃO DE TRANSIÇÃO AMAZÔNIA-CERRADO

Cuiabá, MT
2023

© Rogério Vieira Rossi, Vandir Manfé (Organizadores), 2023.

Rogério Vieira Rossi é Biólogo, Mestre e Doutor em Zoologia (USP), Coordenador do Programa de Monitoramento da Fauna Bioindicadora do Projeto de Gestão Ambiental da BR-242/MT - DNIT/UFMT (2017 - 2021)

Vandir Manfé é Geógrafo (UFMT), Mestre em Engenharia de Transportes (UFRJ), Coordenador Setorial do Projeto de Gestão Ambiental da BR-242/MT - DNIT/UFMT (2013 - 2023)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Bichos da BR-242/MT : guia ilustrado dos animais de uma região de transição Amazônia-Cerrado / organização Rogério Vieira Rossi, Vandir Manfé. --Cuiabá, MT : Uniselva, 2023.

Vários autores.

ISBN 978-65-86743-95-1

1. Animais silvestres 2. Biodiversidade -

Conservação - Brasil 3. Fauna - Brasil

4. Monitoramento ambiental 5. Rodovias - Brasil I. Rossi, Rogério Vieira. II. Manfé, Vandir.

23-155735

CDD-591.9098162

Esse projeto foi desenvolvido no âmbito do TC-248/2013/DNIT da Gestão Ambiental das Obras de Implantação e Pavimentação de Rodovia BR-242/MT, trecho Sorriso (BR-163) – Querência (BR-158).

Diretor Geral: **Fabrizio de Oliveira Galvão**

Diretor de Planejamento e Pesquisa (DPP): **Luiz Guilherme Rodrigues de Mello**

Coordenador-Geral de Meio Ambiente (CGMAB): **João Felipe Lemos Cunha**

Superintendente Regional do DNIT no Estado de Mato Grosso (DNIT/MT): **Antonio Gabriel Oliveira dos Santos**

Chefe do Serviço de Desapropriação, Reassentamento e Meio Ambiente – DNIT/MT: **Eliete Conceição Cerqueira**



Paruna Editorial
Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento
CEP: 01552-020 – São Paulo, SP
Fone: 11 98245-4224
www.paruna.com.br | @parunaeditora

Revisão Textual e Normalização: Sônia Maria Duarte Zaramella
Diagramação, projeto gráfico e capa: Candida Bitencourt Haesbaert
Imagens: Autores | DNIT | Adobe Stock/Paruna

AGRADECIMENTOS

Este guia não poderia ser publicado sem o financiamento e/ou colaboração de organizações e pessoas mencionadas abaixo. A todos, nosso muito obrigado.

Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT); Fundação de Apoio à Pesquisa e Desenvolvimento da UFMT (Uniselva); equipe do projeto "Gestão Ambiental para as obras de implantação e pavimentação da Rodovia BR-242/MT trecho Entr. BR-158/MT (Querência) – Entr. BR-163/MT (Sorriso)", em especial o biólogo Francenildo Ferreira Martins; Sra. Marileusa Pinesso e Sr. Hermínio Martelli, respectivamente proprietários das fazendas Água Limpa e Búffalo, onde foram desenvolvidas as atividades de monitoramento da fauna; colaboradores do distrito de Água Limpa, município de Nova Ubiratã, envolvidos nas atividades de campo; alunos de graduação em Ciências Biológicas que auxiliaram nas atividades de campo e laboratório; e curadores dos acervos da Coleção Zoológica da UFMT.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ANFÍBIOS	8
Tainá Figueras Dorado-Rodrigues Elizângela Silva Brito Jéssica Bueno da Silva Teixeira Allison Murilo de Arruda André Pansonato Christine Strüssmann	
RÉPTEIS	37
Tainá Figueras Dorado-Rodrigues Elizângela Silva Brito Jéssica Bueno da Silva Teixeira Allison Murilo de Arruda André Pansonato Christine Strüssmann	
AVES	64
João Batista de Pinho Tiago Valadares Ferreira Elaine da Rosa Bueno Moisés de Jesus Malaquias Nathália Victória Samuel Borges de Oliveira Júnior	
MAMÍFEROS	97
Luan Gabriel Lima-Silva Ravena Fernanda Braga Mendonça Claudilívia Ferreira Leonan da Silva Dutra Rogério Viera Rossi	
PEIXES	122
Alexandre Cunha Ribeiro Katiane Mara Ferreira	
INSETOS AQUÁTICOS	135
Miriã Ferraz e Souza	
SOBRE OS AUTORES	145



BR-242/MT

APRESENTAÇÃO

Caro leitor(a),

Este guia é resultado do Programa de Monitoramento da Fauna Bioindicadora da BR-242/MT realizado no âmbito do projeto “Gestão Ambiental da BR-242/MT” da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), financiado pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) e coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Miguel de Miranda.

O programa mencionado acima foi realizado com o objetivo de levantar informações *in loco* e monitorar as populações de animais silvestres durante as obras de implantação de oito pontes de concreto em um trecho da BR-242/MT situado nos municípios de Nova Ubiratã e Paranatinga, região central do estado de Mato Grosso, onde os biomas Cerrado e Amazônia se encontram.

Este guia foi elaborado para apresentar aos leitores algumas das espécies de anfíbios, répteis, aves, mamíferos, peixes e insetos aquáticos encontrados na região. Parte delas é abundante e fácil de ser observada, mas algumas são mais raras e até ameaçadas de extinção.

A equipe do projeto acredita na importância de levar essas informações ao maior número possível de pessoas, sejam elas estudantes, trabalhadores ou proprietários de terra na região, pois conhecer a diversidade de espécies silvestres que nos cerca, suas curiosidades e importância para o meio ambiente, é o primeiro passo para admirá-las, respeitá-las e apoiar medidas que levem à sua conservação.

Boa leitura!

ANFÍBIOS



ANFÍBIOS

Tainá Figueras Dorado-Rodrigues¹

Elizângela Silva Brito¹

Jéssica Bueno da Silva Teixeira¹

Allison Murilo de Arruda¹

André Pansonato¹

Christine Strüssmann^{1,2,3}

Anfíbios incluem animais conhecidos como sapos, rãs e pererecas (ordem Anura), salamandras (ordem Caudata) e cecílias (ordem Gymnophiona). Apresentam ciclos de vida complexos, quase sempre com uma fase larval e outra adulta. Podem utilizar ambientes alagados, aquáticos (rios, córregos, lagoas), terrestres e arborícolas, sendo mais dependentes de ambientes alagados ou aquáticos durante a estação reprodutiva e na fase larval (quando são conhecidos como girinos, no caso da ordem Anura). A maioria dos girinos se desenvolve na água ou em ninhos de espuma. Enquanto girinos, respiram por brânquias, mas na fase adulta a maior parte das espécies respira principalmente pela pele (respiração cutânea). Por apresentarem pele permeável e ovos sem casca, são altamente dependentes da umidade e da ocorrência de chuvas. Esses fatores os tornam muito sensíveis a alterações ambientais, sendo assim considerados bons bioindicadores da qualidade do ambiente. Para o Brasil são conhecidas 1.199 espécies, das quais 171 já foram registradas em Mato Grosso. Algumas espécies ocorrem em uma ampla gama de ambientes, enquanto outras ocorrem em habitats específicos. Há algumas espécies que se adaptam a ambientes antropizados (alterados pelo homem) e podem ser facilmente encontradas nas cidades e áreas desmatadas. Os anfíbios fazem parte da dieta de diversas espécies de peixes, répteis, aves e mamíferos, sendo importantes componentes da cadeia alimentar. Alimentam-se de insetos e outros invertebrados (muitas vezes considerados pragas para a população humana), exercendo importante papel ecológico no controle populacional de larvas, mosquitos e aranhas.

-
- 1 Laboratório de Herpetologia, Centro de Biodiversidade, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.
 - 2 Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.
 - 3 Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil. e-mail: tainadorado@gmail.com

São, assim, considerados importantes para a manutenção da qualidade de vida. Além disso, muitas espécies produzem secreções cutâneas que podem ser utilizadas para a formulação de medicamentos analgésicos, antidepressivos, antivirais, antifúngicos e antibacterianos, entre outros. Na região da BR-242/MT já foram registradas 40 espécies de anfíbios, todos anuros, alguns dos quais são apresentados a seguir.

Sapo-dourado | *Rhaebo guttatus*



Foto: Autores

Nome popular: Sapo-dourado

Nome científico: *Rhaebo guttatus*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa, Guiana e Suriname.

Tamanho: Machos são menores, medindo entre 12 e 15 cm; as fêmeas podem chegar a 17 cm.

Descrição: Apresenta dorso castanho, ventre e laterais negras com pequenas manchas brancas que se estendem até a parte inferior da boca. A lateral apresenta uma listra larga marrom escura, que vai do focinho à coxa. Apresenta duas grandes glândulas de veneno logo atrás do tímpano (ouvido), chamadas glândulas paratóides.



Sapo-dourado | *Rhaebo guttatus*

Foto: Autores

Espécie terrestre e noturna, associada a ambientes ripários. Vive no chão das florestas e pode se camuflar entre as folhas secas. Reproduz durante a estação chuvosa, quando machos vocalizam no solo, às margens de córregos ou rios. Os girinos desenvolvem-se na água de poças temporárias ou permanentes, conectadas aos córregos ou rios, muitas vezes escavadas pelo próprio sapo. Os adultos apresentam comportamento defensivo único quando se sentem ameaçados, podendo lançar veneno, de coloração amarela-ouro, a partir das glândulas paratóides, a uma distância de até 2 metros. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Sapo-cururu, Sapo-da-cana | *Rhinella marina*



Foto: Autores

Nome popular: Sapo-cururu, Sapo-da-cana

Nome científico: *Rhinella marina*

Ocorrência: Ocorre naturalmente em todos os países que contemplam a Bacia Amazônica, mas foi introduzido em outros países para controle de pragas (Austrália, Estados Unidos, Japão, entre outros). No Brasil, ocorre nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Maranhão e Mato Grosso.

Tamanho: Os machos podem medir entre 9,7 e 11,6 cm e as fêmeas, entre 18 e 25 cm.



Sapo-cururu, Sapo-da-cana | *Rhinella marina*

Foto: Autores

Descrição: Apresenta pele seca e rugosa, com diferentes tons de marrom e manchas escuras no dorso. A barriga apresenta tom creme com pequenas manchas escuras, ou coloração uniforme, em tom cinza. Possui grandes glândulas de veneno atrás do tímpano (ouvido), chamadas glândulas paratóides.

É uma das espécies mais comuns na Amazônia. Possui hábitos terrestres e noturnos e habita áreas úmidas, florestadas e abertas, podendo sobreviver em ambientes degradados. Vive próximo a corpos d'água permanentes (riachos e lagoas) ou temporários (poças na floresta). As fêmeas podem depositar até 17.000 ovos em águas lentas ou rasas; as massas de ovos flutuam na lâmina d'água em um cordão gelatinoso. Os ovos e girinos são muito resistentes a temperaturas elevadas. Os girinos são negros e tem comportamento gregário (ficam juntos) no fundo dos corpos d'água, sendo tóxicos para muitos predadores. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Perereca-cabrinha; Perereca-de-pontos-brancos | *Boana albopunctata*



Foto: Autores

Nome popular: Perereca-cabrinha; Perereca-de-pontos-brancos

Nome científico: *Boana albopunctata*

Ocorrência: Amplamente distribuída na América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai). No Brasil, ocorre nas regiões central, sul e sudeste.

Tamanho: Os machos podem chegar a 6,5 cm.

Descrição: Apresenta coloração amarelada, com tom marrom claro no dorso e translúcido nas laterais, com pintas amarelas ou brancas que se estendem até a parte interior da coxa. O corpo é alongado e o focinho, comprido e acuminado.



Perereca-cabrinha; Perereca-de-pontos-brancos | *Boana albopunctata*

Foto: Autores

Habita áreas úmidas abertas e florestais, adaptando-se facilmente a ambientes alterados. Os machos são encontrados vocalizando em grandes agregações sobre a vegetação herbácea e arbustiva em campos úmidos ou próximo a rios, riachos, lagos, brejos e poças, permanentes ou temporárias, ao longo de todo o ano. O canto lembra a vocalização de uma cabra. As desovas são depositadas escondidas entre pedras ou na vegetação aquática, flutuando em um primeiro momento, mas afundando posteriormente. Não é uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Perereca-gladiadora | *Boana boans*



Foto: Autores

Nome popular: Perereca-gladiadora

Nome científico: *Boana boans*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Maranhão, Mato Grosso), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Venezuela, Trinidad e Tobago, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Os machos podem medir entre 10,1 e 12,8 cm e as fêmeas, entre 9,1 e 12,3 cm.

Descrição: Os machos apresentam coloração marrom e as fêmeas são marrom-alaranjadas. O ventre é creme ou esbranquiçado. Apresentam estrias escuras no corpo, membranas desenvolvidas entre os dedos da mão e apêndice calcâneo (projeção na região do calcanhar) bem desenvolvido. A íris é marrom-alaranjada.



Perereca-gladiadora | *Boana boans*

Foto: Autores

É arborícola e noturna, encontrada com frequência nas margens de rios e córregos. Reproduz na estação seca. As desovas são massas gelatinosas com até 3.000 ovos, depositados na superfície da água, em "bacias" naturais formadas na liteira ou raízes, ou em pequenas bacias de areia construídas por machos, próximo a córregos. O macho luta para defender as bacias. É uma espécie frequente nas margens dos rios na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Perereca-musgo | *Dendropsophus melanargyreus*



Foto: Autores

Nome popular: Perereca-musgo

Nome científico: *Dendropsophus melanargyreus*

Ocorrência: Brasil (Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, São Paulo, Tocantins), Bolívia, Paraguai, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Machos e fêmeas podem chegar a 4 cm.

Descrição: Apresenta padrão rajado com tons de creme, cinza, marrom ou castanho-avermelhado, com as margens das manchas negras. O ventre apresenta coloração creme, com partes pretas. Os machos são identificados pelo saco vocal escuro (região da garganta).



Perereca-musgo | *Dendropsophus melanargyreus*

Foto: Autores

Espécie arborícola (habita árvores ou arbustos), podendo ser encontrada próximo a corpos d'água, em áreas abertas e bordas de florestas. Reproduz na estação chuvosa, quando descem das árvores e se agregam em poças temporárias ou permanentes. A espécie é relativamente tolerante a alterações no hábitat. Não é uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Perereca-de-olhos-raiados | *Osteocephalus taurinus*



Foto: Autores

Nome popular: Perereca-de-olhos-raiados

Nome científico: *Osteocephalus taurinus*

Ocorrência: Brasil (Bacia Amazônica e região centro-oeste: Acre, Amapá, Amazonas, Goiás, Pará, Rondônia, Roraima, Maranhão e Mato Grosso), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Machos e fêmeas podem chegar a 9 cm.



Perereca-de-olhos-raiados | *Osteocephalus taurinus*

Foto: Autores

Descrição: Presença de ossificação dermal no crânio evidente. Íris com linhas negras radialmente dispostas sobre fundo amarelo. O dorso dos machos é coberto por grânulos que se estendem até a cabeça. Os machos possuem dois sacos vocais, um de cada lado da garganta. As coxas apresentam barras transversais de cor marrom.

Espécie arborícola (habita árvores ou arbustos) encontrada em florestas primárias e secundárias. Reproduz ao longo do ano todo, principalmente após chuvas fortes. Os machos vocalizam próximo a corpos d'água temporários ou permanentes e riachos. Os girinos podem se alimentar de ovos de anuros, até mesmo da própria espécie. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Rãzinha-da-mata | *Adenomera hylaedactyla*



Foto: Autores

Nome popular: Rãzinha-da-mata

Nome científico: *Adenomera hylaedactyla*

Ocorrência: Brasil (Bacia Amazônica: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Maranhão, Mato Grosso), Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Machos podem chegar a 2,4 cm e as fêmeas, a 2,7 cm.

Descrição: Apresenta o dorso colorido em tons cinzentos com manchas marrons escurecidas e grânulos distribuídos por todo o dorso, em tons mais claros. Apresenta duas linhas de glândulas claras no dorso. O ventre é branco, com as partes próximas à coxa e interior das coxas amarelados.

Espécie terrestre, diurna e noturna. Ocorre em áreas abertas, na borda da floresta e em áreas alteradas pelo homem. Reproduz o ano todo, porém mais intensamente no período chuvoso. Sua reprodução não depende de ambientes aquáticos, pois os machos cavam pequenos buracos no solo onde vocalizam, embaixo de folhas e galhos caídos. As fêmeas depositam até 15 ovos em ninhos de espuma nesses buracos. Os girinos se desenvolvem nesses ninhos, alimentando-se de vitelo (reserva nutritiva), não necessitando de fontes externas de alimento. Quando adultos, alimentam-se principalmente de besouros, diplópodes e formigas. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Foto: Autores

Jia | *Leptodactylus knudseni*



Foto: Autores

Nome popular: Jia

Nome científico: *Leptodactylus knudseni*

Ocorrência: Brasil (Bacia Amazônica: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Mato Grosso), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Os machos medem entre 11,7 a 13,5 cm e as fêmeas, até 23 cm.

Descrição: O dorso é marrom-alaranjado com barras transversais escuras entre duas pregas dorsolaterais. Há uma faixa negra que vai desde as narinas, passando pelos olhos, até o tímpano (ouvido), dobrando em direção ao braço. Machos em reprodução possuem um espinho preto em cada polegar e coloração avermelhada nas laterais do corpo e região posterior das coxas, com manchas pretas na coxa. O ventre é totalmente branco.

Espécie terrestre e noturna, que habita florestas de terra firme e aluviais. Apesar de vocalizarem o ano todo, os machos escavam bacias próximo a poças temporárias durante a estação chuvosa, onde as fêmeas depositam até 1.000 ovos em ninhos de espuma. Os ovos eclodem dentro do ninho e os girinos completam o desenvolvimento em corpos d'água adjacentes. Os girinos podem se alimentar de ovos de anuros (de sua própria espécie ou de outras espécies). Não é uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Foto: Autores

Rã-de-bigode | *Leptodactylus mystaceus*



Foto: Autores

Nome popular: Rã-de-bigode

Nome científico: *Leptodactylus mystaceus*

Ocorrência: Brasil (Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará e Roraima), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname.

Tamanho: Os machos podem medir até 5 cm e as fêmeas, até 6 cm.

Descrição: Apresenta o dorso em tons de marrom-claro com manchas marrons escuras, com duas linhas longitudinais protuberantes de borda fina e clara. Possui uma faixa branca nos lábios e uma negra que se estende do focinho até a parte de trás do tímpano. O ventre varia entre creme e amarelo.

A espécie é terrestre e noturna e vive próxima a corpos d'água temporários, em florestas e em ambientes abertos. A reprodução ocorre durante a estação chuvosa quando, após fortes chuvas, machos vocalizam na margem de pequenas poças, frequentemente sob raízes ou folhas. Os machos constroem bacias na lama com ninhos de espuma subterrâneos. Os girinos se aglomeram e podem produzir espuma para evitar a dessecação. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Rã-de-bigode | *Leptodactylus mystaceus*

Foto: Autores

Rã-pimenta | *Leptodactylus paraensis*



Foto: Autores

Nome popular: Rã-pimenta

Nome científico: *Leptodactylus paraensis*

Ocorrência: Endêmico do Brasil, ocorrendo apenas em Mato Grosso e no Pará.

Tamanho: Os machos medem entre 9,9 e 12,9 cm e as fêmeas, entre 11 e 14 cm.

Descrição: Apresenta tons de marrom claro a marrom escuro esverdeado em adultos, e tons de cinza em jovens. O dorso apresenta manchas circulares e barras transversais de cores claras e escuras. Possui uma linha protuberante ou prega pontilhada de cor negra na região lateral e outra atrás dos olhos, contornando parte do tímpano. O ventre é escuro com manchas claras.

Espécie noturna, que habita florestas. Os machos são encontrados vocalizando em troncos de árvores caídos no chão, para onde atraem as fêmeas. Estas depositam seus ovos em meio a grandes ninhos de espuma, em buracos ou sob troncos, no período chuvoso. Não é uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Rã-de-bigode-rosado | *Leptodactylus rhodomystax*



Fotos: Autores

Nome popular: Rã-de-bigode-rosado

Nome científico: *Leptodactylus rhodomystax*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia), Bolívia, Peru, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Os machos medem entre 6,7 e 7,2 cm e as fêmeas, entre 7,5 e 8,5 cm.

Descrição: O dorso apresenta tons de marrom e vermelho. Possui uma larga faixa na boca, de cor branca ou creme. A parte posterior das coxas é negra, com pequenas manchas arredondadas de coloração amarela-esverdeada ou creme. Os machos desenvolvem um espinho em cada polegar e um par de espinhos pretos no peito durante a época reprodutiva.

Espécie terrestre e noturna, que habita áreas florestadas próximas a riachos. Reproduz durante a estação chuvosa. Machos vocalizam próximos a poças secas, onde as fêmeas depositam os ovos, em ninhos de espuma. Essas poças são inundadas pela água da chuva. Os girinos vivem nessas poças ou em córregos próximos. Quando se sentem ameaçados, exibem as manchas que possuem na parte posterior da coxa. Não é uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Jia | *Leptodactylus stenodema*



Foto: Autores

Nome popular: Jia

Nome científico: *Leptodactylus stenodema*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amazonas, Mato Grosso, Roraima), Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Peru e Suriname.

Tamanho: Os machos medem entre 8,5 e 9 cm e as fêmeas, entre 9 e 9,6 cm.

Descrição: O dorso apresenta tons de marrom esverdeado. Apresenta faixa negra que se inicia atrás do olho, estende-se até o tímpano (ouvido) e desce em direção ao braço. Apresenta duas pregas entre o dorso e a lateral do corpo. As coxas têm manchas alaranjadas e marrons. Os olhos refletem vermelho quando iluminados com lanterna, à noite.



Jia | *Leptodactylus stenodema*

Foto: Autores

Espécie terrestre, diurna e noturna, que vive em áreas amazônicas florestadas. A reprodução ocorre ao longo do ano todo. Os machos escavam tocas que são utilizadas na reprodução e também como abrigo. Não é uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Rãzinha-listrada | *Lithodites lineatus*



Foto: Autores

Nome popular: Rãzinha-listrada

Nome científico: *Lithodites lineatus*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Rondônia), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Os machos podem medir entre 2,8 a 4,3 cm e as fêmeas, entre 3,3 e 5,6 cm.

Descrição: O dorso é negro, com uma faixa amarela ou creme, do focinho à região inguinal. A parte de cima dos braços e das pernas tem cor castanha. Apresenta duas manchas vermelhas características, uma na parte de trás da coxa e outra na virilha. Toda a parte de baixo do corpo é esbranquiçada, sem manchas.

Espécie noturna, terrestre, que habita florestas, onde se posicionam sob folhas em decomposição no solo ou perto de troncos caídos e em ninhos de formigas cortadeiras (saúvas). Produz secreção semelhante à substância que as saúvas utilizam para comunicação; assim, podem viver e desovar em ninhos de espuma dentro dos saueiros. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Rãzinha-listrada | *Lithodites lineatus*



Fotos: Autores

Rãzinha-da-mata | *Chiasmocleis avilapiresae*



Fotos: Autores

Nome popular: Rãzinha-da-mata

Nome científico: *Chiasmocleis avilapiresae*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia) e extremo norte da Bolívia.

Tamanho: Tamanho corporal máximo de 5 cm.

Descrição: Cor do dorso acinzentado com tons avermelhados (alguns indivíduos podem apresentar dorso amarelado). Antebraço amarelado ou alaranjado. Ventre creme ou branco com manchas marrons escuras ou pretas, de tamanho e formato irregulares. Os machos apresentam espinhos dérmicos na porção anterior do saco vocal.

Espécie amazônica, noturna, terrestre, que habita florestas e se reproduz em poças temporárias. Vive sob a camada de folhas em decomposição no solo, próximo a pequenos córregos. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Rãzinha | *Ctenophryne geayi*



Fotos: Autores



Nome popular: Rãzinha

Nome científico: *Ctenophryne geayi*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Tocantins), Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname.

Tamanho: Os machos medem entre 3,6 e 4 cm e as fêmeas podem chegar a 4,5 cm.

Descrição: Apresenta coloração dorsal cinza escura com manchas de cor marrom, alaranjada ou creme. Apresenta uma fina linha clara no meio do dorso e linhas claras ao longo das laterais do corpo, desde o focinho até as coxas, delimitando uma faixa lateral escura. O ventre é negro com manchas brancas ou cremes.

Vive sob o solo, em áreas florestadas. Durante a reprodução, na estação chuvosa, os machos aglomeram-se nas margens de poças temporárias, vocalizando à noite sob o folhiço. As fêmeas depositam até 600 ovos em depressões próximas às poças. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

BIBLIOGRAFIA

- ÁVILA, R. W.; D. H. MORAIS; MAFFEI, F.; PANSONATO, A.; KAWASHITA-RIBEIRO, R. A.; RODRIGUES, D. J.; STRÜSSMANN, C. **Herpetofauna de Mato Grosso**. Volume I - Anfíbios. Curitiba: Editora CRV, 2021. 194 p.
- BASTOS, R. P.; MOTTA, J. A. O.; LIMA, L. P.; GUIMARÃES, L. D. **Anfíbios da Floresta Nacional de Silvânia, estado de Goiás**. Goiânia: Stylo Gráfica e Editora, 2003.
- DUELLMAN, W. E.; TRUEB, L. 1994. **Biology of amphibians**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994. 670 p.
- FROST, D. Amphibian species of the world: an online reference. Version 6.1. American Museum of Natural History, New York, USA, 2023. Disponível em <http://research.amnh.org/vz/herpetology/amphibia/>. Acesso em 16/03/2023.
- ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Brasília: ICMBio, 2018. 4162 p.
- LIMA, A. P.; MAGNUSSON, W.E.; MENIN, M.; ERDTMANN, L.K.; RODRIGUES, D.; KELLER, J.C.; HÖDL, W. **Guia de sapos da Reserva Adolpho Ducke – Amazônia central**. Manaus: Áttema Design Editorial, 2005. 168 p.
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Lista nacional oficial das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção**. Portaria nº 148, de 7 de Junho de 2022.
- SEGALLA, M. V.; BERNECK, B.; CANEDO, C.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, A. G.; GARCIA, P. C. A.; GRANT, T.; HADDAD, C. F. B.; LOURENÇO, A. C. C.; MÂNGIA, S.; NASCIMENTO, L. B.; TOLEDO, F.; WERNECK, F.P.; LANGONE, J. A. List of Brazilian amphibians. **Herpetologia Brasileira**, v. 10, p. 121-216, 2021.
- TORRALVO, K.; LIMA, A. P.; FRAGA, R.; MAGNUSSON, W. E. **Guia de sapos da Floresta Nacional do Tapajós** (Guide to the frogs of the Tapajós National Forest). Manaus: Editora INPA, 2021.
- VAZ-SILVA, W.; MACIEL, N. M.; NOMURA, F.; MORAIS, A. R.; BATISTA, V. G.; SANTOS, D. L.; ANDRADE, S. P.; OLIVEIRA, A. A. B.; BRANDÃO, R. A.; BASTOS, R. P. 2020. **Guia de identificação das espécies de anfíbios (Anura e Gymnophiona) do estado de Goiás e do Distrito Federal, Brasil Central** [online]. Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2020. 223 p. Zoologia: guias e manuais de identificação series.
- Wells, K. D. **The ecology and behavior of amphibians**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007.

RÉPTEILS



RÉPTEIS

Tainá Figueras Dorado-Rodrigues¹

Elizângela Silva Brito¹

Jéssica Bueno da Silva Teixeira¹

Allison Murilo de Arruda¹

André Pansonato¹

Christine Strüssmann^{1,2,3}

Os répteis estão agrupados nas ordens Testudines (tartarugas, cágados e jabutis), Crocodylia (crocodilos e jacarés), Rhynchocephalia (tuataras) e Squamata. Esta última é dividida nas sub-ordens Amphisbaenia (cobra-de-duas-cabeças), Sauria (lagartos) e Serpentes. Por serem organismos ectotérmicos, apresentam peculiaridades fisiológicas e ecológicas, incluindo sua dependência de fontes externas de calor para regular a temperatura corporal. Muitas espécies são predadoras, mas a maioria alimenta-se principalmente de insetos. Há ainda espécies herbívoras e consumidoras de frutos, atuando como dispersores de sementes de várias espécies de plantas. Várias espécies apresentam, também, importância socioeconômica, tais como as serpentes produtoras de toxinas, muitas das quais dão origem a medicamentos amplamente utilizados no Brasil e ao redor do mundo, e jacarés e outras espécies exploradas comercialmente. No Brasil, são conhecidas 848 espécies, das quais seis de jacarés, 38 de quelônios, 82 de anfisbenas, 292 de lagartos e 430 de serpentes. Para Mato Grosso são conhecidas 301 espécies, o que coloca o Estado como o mais rico do Brasil em número de espécies de répteis. Na região da BR-242/MT já foram registradas 39 espécies, algumas das quais são apresentadas a seguir.

1 Laboratório de Herpetologia, Centro de Biodiversidade, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.

2 Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.

3 Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.

Cágado-de-barbicha | *Phrynops geoffroanus*



Foto: Autores

Nome popular: Cágado-de-barbicha

Nome científico: *Phrynops geoffroanus*

Ocorrência: Brasil (ocorre em todos os estados, com exceção de Amapá, Roraima, Sergipe), Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela.

Tamanho: Os machos medem até 22 cm e as fêmeas, até 40 cm de comprimento total da carapaça.

Descrição: O casco é achatado, oval e mais alargado na região posterior. A carapaça varia de marrom claro a cinza-escuro. O plastrão é de coloração creme, com ou sem manchas escuras, sendo avermelhado com o mesmo padrão de manchas em filhotes. A cabeça é pequena, mais longa do que larga, com faixas escuras intercaladas, que se estendem da ponta do focinho até o pescoço.

A espécie habita ambientes lânticos (lagoas e represas) e lóticos (riachos e rios) e pode ocorrer em ambientes urbanos, mesmo em áreas poluídas. É onívora, aquática e frequentemente avistada tomando sol nas margens dos córregos e lagoas. As fêmeas depositam até 28 ovos, de uma a quatro vezes por temporada reprodutiva. Os ninhos são camuflados, constituídos de covas com profundidade média de 15 cm. O período de incubação pode atingir 185 dias e os filhotes nascem com cerca de 4,3 cm. Sofre pressão da coleta excessiva e caça para comércio ilegal (tráfico ou venda como animais de estimação e consumo humano). É uma espécie frequente nos rios presentes na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Foto: Autores

Jacaré-tinga | *Caiman crocodilus*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Jacaré-tinga

Nome científico: *Caiman crocodilus*

Ocorrência: México, América Central, Colômbia, Venezuela, Trinidad e Tobago, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Equador, Peru, Bolívia e Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Piauí, Rondônia, Roraima, Tocantins).

Tamanho: Os machos medem até 250 cm e as fêmeas, até 140 cm de comprimento total. Os jovens medem entre 125 e 175 cm.

Descrição: Os adultos são castanhos claros ou castanhos oliváceos, com faixas escuras presentes somente na cauda, ausentes na lateral da boca. Filhotes são marrons claros ou amarelos com faixas transversais dorsais e caudais marrons escuras, as quais são perdidas nos adultos. O ventre tem coloração creme uniforme.

Jacaré-tinga | *Caiman crocodilus*



Foto: Adobe Stock/Paruna

É considerada a espécie mais comum e abundante entre os jacarés do Brasil, sendo amplamente distribuída na região amazônica e em áreas de transição Amazônia-Cerrado. Espécie semi-aquática, que habita florestas alagadas, cabeceiras de rios, ambientes de veredas e riachos de corredeiras com fundo rochoso, mas também ambientes represados e áreas urbanas. Reproduz no final da estação seca, quando deposita até 40 ovos. As mães cuidam dos ovos nos ninhos e dos filhotes. Alimenta-se de caranguejos, moluscos, crustáceos, aranhas e insetos, bem como de vertebrados, tais como pequenos peixes, anfíbios, répteis, aves e pequenos mamíferos. A espécie sofre forte pressão pela caça ilegal, em função do consumo de sua carne e da utilização do couro, sendo sua exploração excessiva em algumas localidades. É uma espécie frequente nos rios presentes na região da BR-242/MT. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Jacaré-coroa, Jacaré-pedra | *Paleosuchus trigonatus*



Foto: Autores

Nome popular: Jacaré-coroa, Jacaré-pedra

Nome científico: *Paleosuchus trigonatus*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Os machos medem até 230 cm e as fêmeas, 140 cm de comprimento total.

Descrição: Apresenta cor marrom ou ferrugínea, com manchas circulares nas laterais da boca e pele extremamente calcificada. Os filhotes apresentam uma mancha dourada no topo da cabeça, que origina o nome popular de "jacaré-coroa".

Espécie semi-aquática, que habita ambientes de floresta densa com pequenos rios ou córregos. A reprodução ocorre no final da estação seca, com até 100 dias de incubação dos ovos. Os ninhos são formados por montes de folhas, contendo de 10 a 20 ovos. As mães cuidam dos ovos nos ninhos e dos filhotes. Alimenta-se de invertebrados terrestres, moluscos, crustáceos e vertebrados, tais como pequenos peixes, répteis, aves e mamíferos. A fragmentação de habitats causada pelo desmatamento, bem como a caça (de subsistência e também relacionada a conflitos com pescadores) são as principais ameaças enfrentadas pela espécie. É uma espécie frequente nos rios presentes na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Jacaré-coroa, Jacaré-pedra | *Paleosuchus trigonatus*

Foto: Autores

Lagarto-da-mata | *Kentropyx calcarata*



Fotos: Autores



Nome popular: Lagarto-da-mata

Nome científico: *Kentropyx calcarata*

Ocorrência: Brasil (Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe, Tocantins), Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Machos adultos têm comprimento rostro-cloacal de até 12 cm e fêmeas, de até 11 cm.

Descrição: As escamas dorsais e laterais são granulares, sendo as ventrais maiores e quilhadas. Os jovens e subadultos possuem três listras dorsais verdes ou amarelas esverdeadas ao longo do corpo. Os adultos possuem padrão de coloração variável, apresentando manchas irregulares de coloração preta, verde, marrom ou cinza, podendo as listras dorsais desaparecerem totalmente ou apenas parcialmente.

A espécie pode ser encontrada em clareiras naturais, no interior de florestas próximas a córregos ou em áreas de borda. Alimenta-se de invertebrados, os quais procuram no solo, em galhos ou sobre troncos caídos. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Papa-vento, Tamanquaré | *Plica umbra ochrocollaris*



Foto: Autores

Nome popular: Papa-vento, Tamanquaré

Nome científico: *Plica umbra ochrocollaris*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Tocantins) e Bolívia.

Tamanho: Podem medir até 10 cm de comprimento.

Descrição: Corpo com manchas em tons de verde e marrom, sendo uma cor ou outra predominante. Possui faixas transversais escuras com manchas mais claras. Possui a língua vilosa, com a ponta redonda.

Vive em arbustos ou troncos de árvores de pequeno ou médio porte da floresta, a uma altura média de 2,5 m do chão, podendo subir a alturas de até 20 m quando se sente ameaçado. Não é frequente na região presentes na região da BR-242/MT. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Jibóia | *Boa constrictor*



Foto: Autores

Nome popular: Jibóia

Nome científico: *Boa constrictor*

Ocorrência: Brasil (todos os estados, com exceção do Rio Grande do Sul e Santa Catarina), Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, México, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela.

Tamanho: Podem medir até 4 m de comprimento.

Descrição: Possui corpo robusto, ligeiramente comprimido nas laterais e a cauda curta e musculosa. Corpo com manchas geométricas avermelhadas ou mais escuras, gerando um padrão camuflado que se confunde com o ambiente. Possui cabeça em formato triangular, coberta por numerosas escamas pequenas.

Vive perto de córregos, rios e lagos. Possui hábito noturno e diurno, terrestre e ocasionalmente arborícola. Não possui presas inoculadoras de veneno, mas muitos dentes pequenos, em diversos ossos da boca. É uma espécie de porte grande, que utiliza a estratégia de espreita seguida de bote para caçar as presas. Utiliza sua forte e robusta musculatura para matar suas presas por constrição (enrola seu corpo ao redor da presa, matando-a por parada respiratória e cardíaca). Alimenta-se de lagartos, aves e pequenos mamíferos



Foto: Autores

(roedores, lebres, marsupiais, morcegos, macacos). É vivípara (os filhotes se desenvolvem no interior do corpo da fêmea e nascem já formados) e pode ter até 64 filhotes. Para intimidar o predador, infla o corpo e amplia a cabeça para parecer maior, vibra agressivamente a cauda e emite sons que lembram um sopro muito forte. É uma espécie visada para o comércio como animal de companhia, frequentemente mantida e reproduzida em cativeiro. É também alvo de tráfico ilegal. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Suaçubóia | *Corallus hortulana*



Fotos: Autores

Nome popular: Suaçubóia

Nome científico: *Corallus hortulana*

Ocorrência: Brasil (todos os estados, com exceção do Distrito Federal, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Até aproximadamente 1,70 m de comprimento.

Descrição: Possui coloração muito variada entre os indivíduos, existindo diferentes padrões de colorido (policromatismo) das manchas dorsais, que podem ter tonalidade cinza, amarela, laranja, vermelha ou rosada. O corpo é lateralmente comprimido, a cauda é preênsil e relativamente longa.



Suaçubóia | *Corallus hortulana*

Foto: Autores

Espécie de hábito noturno, arborícola (ativa sobre a vegetação, só ocasionalmente descendo ao chão), que vive em florestas primárias, embora possa ser encontrada também em áreas alteradas pelo homem. Não possui presas inoculadoras de veneno, mas utiliza sua forte musculatura para matar suas presas por constrição, enquanto as seguram com os dentes grandes e recurvados presentes na parte anterior das maxilas superiores e mandíbulas. Durante a caça, emprega a tática de espera, mas também procura ativamente por suas presas. Possui fossetas labiais, que são órgãos capazes de detectar radiação infravermelha, o que permite que localizem as presas pela temperatura corporal. Alimenta-se principalmente de aves e morcegos, mas pode preda roedores, marsupiais, lagartos e anfíbios. A espécie é vivípara (dá à luz filhotes já formados). Quando manuseada pode se enrolar, formando uma «bola», escondendo a cabeça. Devido à sua beleza, é uma espécie bastante utilizada como animal de companhia e visada pelo tráfico ilegal. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Salamanta, Cobra-arco-íris | *Epicrates cenchria*



Foto: Autores

Nome popular: Salamanta, Cobra-arco-íris

Nome científico: *Epicrates cenchria*

Ocorrência: Brasil (Roraima, Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Pará, Rondônia, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Tocantins), Argentina, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Possui cerca de 2 m de comprimento.

Descrição: Possui dorso pardo-avermelhado, com ocelos (manchas circulares) de bordos negros no dorso e manchas negras nas laterais. O ventre é esbranquiçado ou amarelado.



Salamanta, Cobra-arco-íris | *Epicrates cenchria*

Foto: Autores

É uma espécie terrestre, de hábito semi-arborícola, noturno e crepuscular, encontrada na região amazônica e em áreas de transição Cerrado-Amazônia. Vive em florestas primárias, embora seja encontrada em áreas alteradas pelo homem. Não possui presas inoculadoras de veneno. Utiliza sua forte musculatura para matar suas presas por constrição. Alimenta-se de lagartos, aves e pequenos roedores. É vivípara, ou seja, os filhotes se desenvolvem no interior da fêmea, que depois dá à luz filhotes já formados.

Devido à sua beleza, é uma espécie bastante utilizada como animal de estimação e visada para o tráfico ilegal. É uma espécie frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Sucuri-verde, Anaconda | *Eunectes murinus*



Foto: Autores

Nome popular: Sucuri-verde, Anaconda

Nome científico: *Eunectes murinus*

Ocorrência: Brasil (Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe, Tocantins), Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Trinidad e Tobago, Guiana e Guiana Francesa.

Tamanho: As fêmeas podem chegar a 5 m de comprimento e, em casos mais raros, atingir até 6 m. Os machos são menores.

Descrição: Possui colorido de fundo que varia de verde-oliva a quase negro, com ocelos (manchas circulares) mais escuros a cada lado do dorso e nas laterais. O ventre é amarelado, com manchas irregulares.



Foto: Autores

Vive em córregos, rios, lagos e brejos. Possui hábito semi-aquático, crepuscular e noturno. Não possui presas inoculadoras de veneno. Utiliza a estratégia de espreita seguida de bote para caçar as presas. Usa sua forte musculatura para matar suas presas por constrição. Alimenta-se de peixes, rãs, lagartos, jacarés, aves, roedores e outros mamíferos de pequeno e médio porte. Pode ter até 50 filhotes, os quais se desenvolvem no interior do corpo da fêmea e nascem já formados (espécie vivípara). Sofre grandes conflitos com o ser humano, que tem medo dela devido a mitos e crenças populares. Também é uma espécie visada como animal de companhia e pelo tráfico ilegal, para o comércio da pele. É uma espécie frequente nos rios presentes na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Coral-falsa | *Eunectes murinus*



Foto: Autores

Nome popular: Coral-falsa

Nome científico: *Apostolepis flavotorquata*

Ocorrência: Endêmica do Brasil (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Pará, Tocantins).

Tamanho: Pode atingir até 90 cm de comprimento.

Descrição: A coloração é vermelha uniforme em juvenis e adultos, com uma linha fina sombreada no dorso. Possui cabeça curta e larga, focinho redondo e não projetado. A cauda é pouco afilada e com a ponta negra. Apresenta colar branco nugal e colar preto cervical.



Coral-falsa | *Eunectes murinus*

Foto: Autores

A espécie ocorre na região do Cerrado e áreas de transição com a Amazônia, mas devido ao hábito de vida fossorial (adaptado a cavar e a viver debaixo do solo), não é encontrada com frequência. No entanto, foi registrada com frequência na região da BR-242/MT, especialmente em áreas florestadas. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Coral-falsa-d'água | *Hydrodynastes bicinctus*



Foto: Autores

Nome popular: Coral-falsa-d'água

Nome científico: *Hydrodynastes bicinctus*

Ocorrência: Brasil (Amapá, Amazonas, Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Rio Grande do Norte, Tocantins), Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Pode chegar a 2,5 m de comprimento.

Descrição: Possui até 34 manchas dorsais escuras, em forma de sela e marginadas de branco ou creme, que se estendem até o ventre, intercaladas pelo fundo vermelho (nos juvenis) ou marrom (nos adultos) e por pequenas manchas laterais arredondadas e bem definidas, próximas à região ventral. Ventre preto e creme.

É considerada semi-aquática e associada às margens de rios, em florestas ciliares ou matas de galeria. Não é frequente na região da BR-242/MT. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Cobra-cipó-verde, Cobra-corredeira | *Philodryas olfersii*



Foto: Autores

Nome popular: Cobra-cipó-verde, Cobra-corredeira

Nome científico: *Philodryas olfersii*

Ocorrência: Brasil (ocorre em todos os estados), Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela Guiana e Guiana Francesa.

Tamanho: Pode atingir até 1,8 m de comprimento.

Descrição: Possui cor verde clara e uma linha marrom que se estende da cabeça até a cauda, e uma faixa escura atrás dos olhos. Seu ventre é amarelo-esverdeado.

É uma serpente com algum interesse médico, pois possui duas presas que podem injetar veneno, fixas e localizadas na região posterior da boca. Seu veneno é relativamente potente, com ação local, podendo causar edema, hemorragia e necrose, que podem persistir por dias. Possui hábito arborícola e diurno e está associada a ambientes florestados, em bordas de mata e áreas abertas. Alimenta-se de anfíbios, lagartos, aves e pequenos mamíferos. É ovípara (põe ovos). É uma espécie frequente na região da BR-242/MT, especialmente em áreas florestadas. Consta como “menos preocupante” na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Coral-verdadeira | *Micrurus paraensis*



Foto: Autores

Nome popular: Coral-verdadeira

Nome científico: *Micrurus paraensis*

Ocorrência: Brasil (Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Roraima) e Suriname.

Tamanho: Pode atingir 54 cm de comprimento.

Descrição: É uma cobra-coral tricolor (preto, vermelho e branco), de pequeno porte. Possui até 21 anéis pretos completos, limitados por linhas brancas e separados por anéis vermelhos bem mais largos. Os olhos são muito pequenos em relação à cabeça.

É uma serpente peçonhenta, de interesse médico, que possui duas presas inoculadoras de veneno pequenas e fixas na região anterior da boca. Seu veneno tem ação neurotóxica e miotóxica, causando dores, edemas, queda da pálpebra, diplopia e insuficiência respiratória. É típica da Floresta Amazônica. Essa espécie pode ser encontrada com frequência na região da BR-242/MT, especialmente nas áreas florestadas. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Boca-de-sapo, Caiçaca, Jararaca | *Bothrops moojeni*



Foto: Autores

Nome popular: Boca-de-sapo, Caiçaca, Jararaca

Nome científico: *Bothrops moojeni*

Ocorrência: Brasil (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Tocantins), Paraguai, Argentina e Bolívia.

Tamanho: Pode atingir 1,5 m de comprimento.

Descrição: Possui desenhos no dorso, em forma de triângulos ou arcos escuros marginados de branco, com o vértice atingindo o "meio das costas". Apresenta grande variação de tons de marrom. Possui fosseta loreal, um órgão sensorial termorreceptor localizado entre o olho e a narina, capaz de detectar radiação infravermelha e pequenas variações de temperatura.

É uma serpente peçonhenta, de interesse médico, que possui presas móveis inoculadoras de veneno na região anterior da boca. Seu veneno tem ação proteolítica, coagulante e hemorrágica, causando dores, edemas e sangramentos, além de necrose. Habita áreas abertas e matas ciliares, sendo encontrada na beira de córregos e outros corpos d'água. Possui hábitos noturnos e crepusculares. É terrícola e, por causa de sua coloração, camufla-se bem entre folhas no chão, utilizando ainda tocas e troncos ocos. Alimenta-se de anfíbios, lagartos, serpentes, aves e pequenos mamíferos. É vivípara, podendo parir até 14 filhotes. Os filhotes possuem a ponta da cauda branca e realizam o engodo caudal: usam a cauda (que se parece com uma larva) como isca para atrair anfíbios e lagartos. Para intimidar o predador, pode vibrar rapidamente a cauda contra o solo. Essa espécie pode ser encontrada com frequência na região da BR-242/MT, especialmente nas margens dos rios. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Cascavel | *Crotalus durissus*



Foto: Autores

Nome popular: Cascavel

Nome científico: *Crotalus durissus*

Ocorrência: Brasil (Amazonas, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins), Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Aruba, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Pode atingir 1,5 m de comprimento.

Descrição: Apresenta coloração de fundo castanho, com losangos escuros, marginados de cores claras. A parte dorsal da cauda é escura com barras transversais e o ventre é claro. No final da cauda possui um guizo ou chocalho característico, que utiliza para alertar predadores ou quando se sente ameaçada. Possui fosseta loreal, um órgão sensorial termorreceptor localizado entre o olho e a narina, capaz de detectar radiação infravermelha e pequenas variações de temperatura.

Cascavel | *Crotalus durissus*



Foto: Autores

É uma serpente peçonhenta de interesse médico, que possui presas móveis inoculadoras de veneno na região anterior da boca. Seu veneno tem ação miotóxica, neurotóxica e coagulante, causando dores musculares, visão turva, queda da pálpebra, problemas renais e neurológicos, entre outros. Habita áreas abertas e regiões secas. Possui hábitos noturnos e crepusculares. É terrícola e, por causa de sua coloração, camufla-se bem entre folhas no chão. Alimenta-se de lagartos, aves e pequenos mamíferos. É vivípara, podendo parir até 30 filhotes. Durante o período reprodutivo, machos podem lutar entre si quando atraídos pela mesma fêmea. O combate é semelhante a uma dança, em que os machos se entrelaçam e tentam manter a cabeça mais elevada em relação ao oponente. A espécie é frequente na região da BR-242/MT, nas áreas florestadas e nas margens dos rios. Consta como "menos preocupante" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

BIBLIOGRAFIA

- Bernarde, P. S.; Turci, L. C.; Machado, R. A. **Serpentes do Alto Juruá, Acre – Amazônia Brasileira**. Rio Branco: Edufac, 2017.
- Costa, H. C.; Guedes, T. B.; Bérnils, R. S. **Lista de répteis do Brasil: padrões e tendências**. *Herpetologia Brasileira*, v. 10, p. 110-279, 2021.
- Fraga, R.; Lima, A. P.; Prudente, A. L. C.; Magnusson, W. E. **Guia de cobras da região de Manaus - Amazônia central** (*Guide to the snakes of the Manaus region - Central Amazonia*). Manaus: Editora INPA, 2013.
- Gonzalez, R. C.; Abegg, A. D.; Mendes, D. M. M.; Silva, M. B.; Machado-Filho, P. R.; Mario-Da-Rosa, C.; Passos, D.C.; Ribeiro, M. V.; Benício, R. A.; Oliveira, J. C. F. Lista dos nomes populares dos répteis no Brasil – Primeira Versão. **Herpetologia Brasileira**, v. 9, p. 121-214, 2020.
- ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. Brasília: ICMBio, 2018. 4162 p.
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Lista nacional oficial das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção**. Portaria nº 148, de 7 de Junho de 2022.
- Nogueira, C.; Argôlo, C.; Antonio, J. S.; Arzamendia, V.; Azevedo, J. A.; Barbo, F. E.; et. al. Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna. **South American Journal of Herpetology**, v. 14, p. 1-274, 2020.
- Rodrigues, M. T. Conservação dos répteis brasileiros: os desafios para um país megadiverso. **Megadiversidade**, v. 1, p. 87-94, 2005.
- Rueda-Almonacid, J. V.; Carr, J. L. J.; Mittermeier, R. A.; Rodríguezmahecha, J. V.; Mast, R. B.; Vogt, R. C.; Rhodin, A. G. J.; Ossa-Velásquez, J. De La; Rueda, J. N.; Mittermeier, C. G. (eds.). **Las tortugas y los cocodrilianos de los países andinos del trópico**. Serie de guías tropicales de campo nº 6. Conservación Internacional. Bogotá: Editorial Panamericana, Formas e Impresos, 2007. 538 p.
- Silva, P. F.; Maciel, J. C. T.; Franco, D. L.; Oliveira, B. R.; Botero-Arias, R.; Barreto-Lima, A. F. Pesquisa e conservação de crocodilianos da região norte do Brasil. In: Barreto-Lima, A. F.; Santos, M. R. D.; Nóbrega, Y. C. (eds). **Tratado de crocodilianos do Brasil**. 1a. Edição. Instituto Marcos Daniel, 2021.
- Uetz, P.; Freed, P.; Aguilar, R.; Reyes, F.; Hošek, J. (eds.). **The Reptile Database**. 2022. Disponível em: <http://www.reptile-database.org>. Acesso em 16/05/2023.
- UNEP-WCMC (comps.). **The Checklist of CITES Species Website**. CITES Secretariat, Geneva, Switzerland. Compiled by UNEP-WCMC, Cambridge, UK. Disponível em: <http://checklist.cites.org>. Acesso em 16/05/2023.



AVES

AVES

João Batista de Pinho¹

Tiago Valadares Ferreira²

Elaine da Rosa Bueno²

Moisés de Jesus Malaquias³

Nathália Victória³

Samuel Borges de Oliveira Júnior³

Sob qualquer aspecto considerado, o Brasil apresenta um conjunto de espécies de aves que está entre os mais interessantes do Mundo, com 1.971 espécies registradas oficialmente até o momento. Este elevado número de espécies no País é possível graças à presença de habitats bastante variados, tais como as florestas de várzea, igapó e terra firme da Amazônia; as florestas úmidas de planícies e montanhas da Mata Atlântica; a Caatinga nordestina; os diversos habitats do Cerrado do Brasil Central; o Pantanal mato-grossense; os campos da região Sul; e as praias e manguezais da costa. Inserido em três dos biomas brasileiros (Amazônia, Cerrado e Pantanal), o Mato Grosso destaca-se no cenário nacional quando se fala em espécies de aves, pois há uma estimativa de que existam 900 espécies no Estado, o que representa mais de 45% das aves registradas em território nacional. As aves são animais únicos, pois ao longo do tempo evoluíram tanto para andar como para voar e mantêm uma característica única em relação aos outros grupos animais: a presença de penas, que confere os inúmeros padrões de coloração e morfologia (aparência) tão significativos desse grupo. O grupo também chama a atenção por seus cantos estridentes e melodiosos, e a presença de vários tipos diferentes de bicos está associada à existência de diferentes tipos de alimentação. Elas são de extrema importância para o ambiente, pois ajudam as plantas na formação dos frutos, através da polinização, e na dispersão das sementes ao longo do território onde vivem. Elas também são indicadores da qualidade do ambiente, pois a presença de determinadas espécies pode indicar tanto a degradação quanto a preservação de uma área de vegetação nativa. Além disso, elas fazem parte do folclore nacional, estando presentes em contos, histórias e lendas, que são passadas de geração em geração. A seguir, apresentamos 30 espécies escolhidas entre as 249 espécies registradas na região da BR-242/MT, com o intuito de mostrar uma parte da riqueza das aves da região e encantar com o colorido vistoso e atrativo desses animais.

1 Departamento de Botânica e Ecologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

2 Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

3 Graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

Ema | *Rhea americana*



Foto: Autores

Nome popular: Ema

Nome científico: *Rhea americana*

Ocorrência: Centro-oeste, nordeste e sul do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia.

Tamanho: Entre 135 e 170 cm de comprimento.

Descrição: Ave de grande porte com incapacidade de voar, mas excelente corredora. Realiza movimentos de ziguezague durante a corrida quando se sente ameaçada.

É encontrada em campos naturais, cerrados e áreas de uso agropecuário (principalmente áreas de plantações). Alimenta-se de folhas, frutos, sementes, insetos, lagartixas, rãs, cobras e pequenos roedores. Seu ninho é escavado no chão e revestido com vegetação seca (capins e folhas), podendo botar de 20 a 30 ovos de coloração branca. Durante o período reprodutivo os machos emitem sons para atrair as fêmeas, formado um harém de cinco a seis fêmeas. Os machos realizam comportamento de corte como danças, exibição de suas plumagens, emissão de sons e movimentos para impressionar a fêmea. O macho é responsável pela construção do ninho, incubação dos ovos e os cuidados com os filhotes. Quando os filhotes se perdem ou distanciam do pai, eles emitem um som semelhante a assobios melódiosos. Como resposta, o pai realiza leves batidas de bico, uma forma de atraí-los para próximo dele.

Perdiz | *Rhynchotus rufescens*



Foto: Autores

Nome popular: Perdiz

Nome científico: *Rhynchotus rufescens*

Ocorrência: Em todo Brasil, exceto ao norte do rio Amazonas; também são encontrados na Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Tamanho: 37,5 cm de comprimento.

Descrição: A perdiz é uma ave terrícola, de hábito solitário. Quando se sente ameaçada realiza voos curtos e pousa entre a vegetação, onde se camufla com facilidade. Além disso, pode se fingir de morta.

É encontrada em áreas de campos abertos, cerrados, buritizais e áreas agropecuárias. Alimenta-se de insetos, sementes, raízes e pequenos roedores. Durante o período reprodutivo escava um buraco na terra para fazer seu ninho, o qual reveste com vegetais secos (folhas, palhas e capins) e penas. Nesse ninho podem ser encontrados de três a nove ovos de cor chocolate ou cinza escuro.

Mutum-cavalo | *Pauxi tuberosa*



Foto: Autores

Nome popular: Mutum-cavalo

Nome científico: *Pauxi tuberosa*

Ocorrência: Região norte do Brasil, estendendo-se para Mato Grosso e Tocantins. Também ocorre na Bolívia, Peru e Colômbia.

Tamanho: 89 cm de comprimento.

Descrição: É o maior mutum brasileiro, apresentando um bico vermelho com uma protuberância na parte de cima. Seu corpo é todo preto e a extremidade da cauda é de cor creme.

É possível encontrá-lo em florestas. Alimenta-se de frutos, pequenos vertebrados e invertebrados. Seu ninho é construído em árvores, onde são incubados de dois a três ovos de coloração branca. Essa ave está classificada na categoria "quase ameaçada" pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Entre as principais causas da ameaça estão o desmatamento, a construção de estradas e a caça para consumo ou para fins medicinais.

Pombo-doméstico | *Columba livia*



Foto: Freepik/Paruna

Nome popular: Pombo-doméstico

Nome científico: *Columba livia*

Ocorrência: Em todo o Planeta, exceto na Antártica.

Tamanho: 38 cm de comprimento.

Descrição: Esta espécie é originária da Europa, norte da África e sul da Ásia, sendo introduzida no Brasil durante o início da colonização portuguesa. O pombo-doméstico tem muitas variações na coloração das penas, sendo possível observar essa variedade de cores nas áreas urbanas.

É encontrada em áreas abertas e centros urbanos, alimentando-se de grãos, frutas e restos de resíduos alimentares. Constrói ninhos em estruturas de casas, utilizando folhas secas e gravetos. O ninho tem formato redondo, onde são depositados dois ovos brancos. Ao longo do ano são realizadas até seis posturas de ovos. Por ser o pombo mais abundante nos centros das cidades, é considerado problemático em relação a outras espécies de aves, pois compete por alimentos. Além disso, são de interesse sanitário por serem transmissoras de doenças ao ser humano (transmissão causadas pelas fezes).

Asa-branca | *Patagioenas picazuro*



Foto: Autores

Nome popular: Asa-branca

Nome científico: *Patagioenas picazuro*

Ocorrência: Em grande parte do Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai.

Tamanho: 34 cm de comprimento.

Descrição: Apresenta um semicolar escamoso no pescoço e uma faixa branca na parte superior das asas, que é bem evidente quando a ave está em voo.

É uma das maiores pombas existentes no Brasil, muito comum nas áreas urbanas e em áreas de plantações de grãos, podendo ser encontrada em bandos numerosos. Alimenta-se de sementes e pequenos frutos. Seu ninho é achatado e composto por gravetos e ramos secos entrelaçados, sendo construído em árvores. O ninho pode ser reutilizado várias vezes e no período reprodutivo é feita a postura de apenas um ovo branco, incubado (chocado) pelo casal.

Rolinha-roxa | *Columbina talpacoti*



Foto: Autores

Nome popular: Rolinha-roxa

Nome científico: *Columbina talpacoti*

Ocorrência: em todo o Brasil, além de México, Bolívia, Paraguai e Argentina.

Tamanho: 17 cm de comprimento.

Descrição: O macho apresenta penas do corpo marrons avermelhadas e a cabeça cinza azulada, enquanto a fêmea é toda parda.

É encontrada em áreas abertas com árvores e arbustos, campos, cerrados, pastagens e áreas urbanas. Alimenta-se de grãos e visita comedouros com sementes e quirera de milho. Constrói ninhos semelhantes a tigelas usando ramos e gravetos, em árvores, arbustos e estruturas das casas. Pode botar até dois ovos brancos, que são chocados pelo casal. É a espécie de rolinha mais comum nas grandes cidades brasileiras, sendo possível observar bandos numerosos. Quando está se alimentando em comedouros pode desenvolver comportamento agressivo com outras espécies de aves, expresso através de movimentos frequentes das asas.

Bacurau | *Nyctidromus albicollis*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Bacurau

Nome científico: *Nyctidromus albicollis*

Ocorrência / Distribuição: Ocorre do México ao Uruguai e nordeste da Argentina.

Tamanho: Entre 22 e 28 cm de comprimento.

Descrição: Sua plumagem, em tons de marrom, passa muitas vezes despercebida aos nossos olhos. Mas quando em voo, é possível ver uma faixa branca na asa. Outra característica marcante é a mancha branca na garganta. Seu bico é curto e preto, com duas grandes narinas, e os olhos são marrons escuros. Apresenta uma longa cauda que produz uma silhueta característica dessa espécie. Nos machos destaca-se uma pena totalmente branca na lateral da cauda, quando voam. Um detalhe curioso é que suas pernas são curtas como os pés.

Habita bordas de florestas, cerrados e campos. Possui hábitos noturnos. Suas asas grandes permitem perseguir e capturar insetos voadores, tais como besouros, vespas, moscas, mariposas, entre outros, dos quais se alimenta. O ninho desta espécie é um pequeno buraco no chão e os filhotes possuem camuflagem quase perfeita, devido à sua penugem com tons semelhantes aos das folhas do chão da mata. No ninho, sob folhas secas, podem ser encontrados até dois ovos de coloração rósea com manchas marrons. A incubação e os cuidados com os filhotes são realizados pelo casal.

Beija-flor-tesoura-verde | *Thalurania furcata*

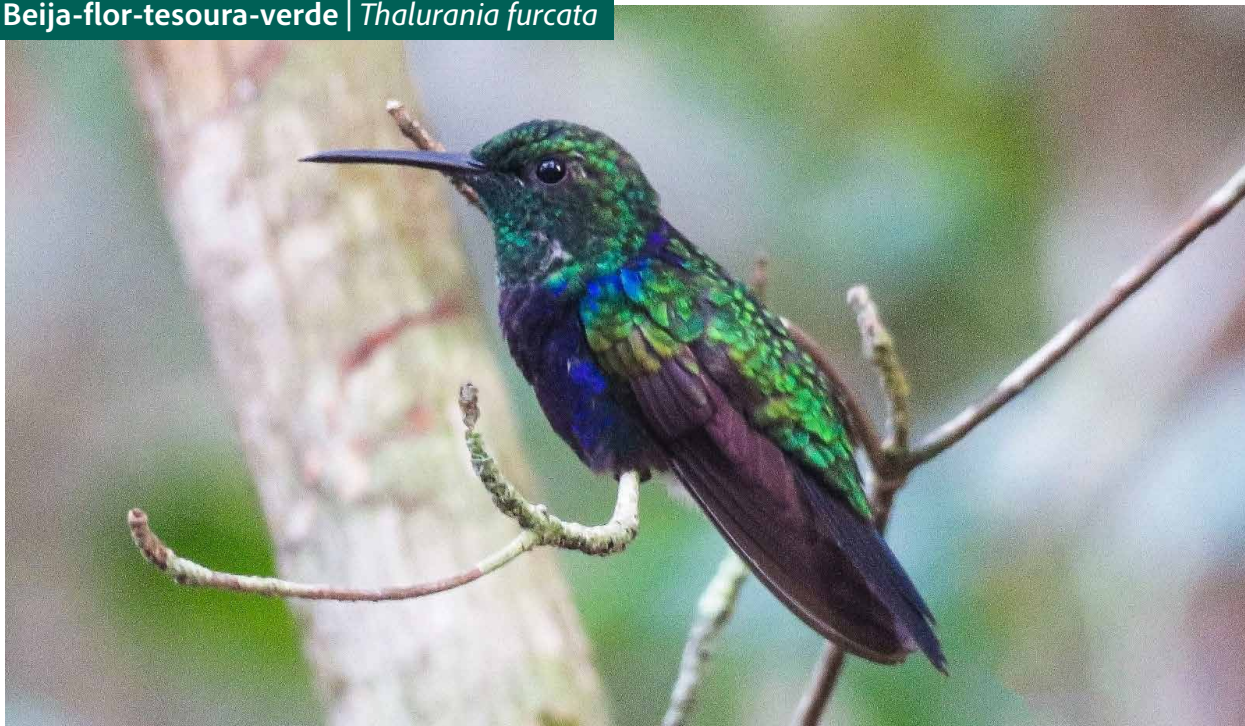


Foto: Autores

Nome popular: Beija-flor-tesoura-verde

Nome científico: *Thalurania furcata*

Ocorrência: Em boa parte do Brasil, com exceção dos estados litorâneos do País. Ocorre também no Paraguai, norte da Argentina, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Tamanho: Entre 9 e 10 cm de comprimento.

Descrição: Os machos possuem garganta verde metálica muito brilhante e peito e barriga com um tom azul-violeta brilhante. As fêmeas possuem garganta, peito e barriga cinzas. O nome beija-flor-tesoura-verde faz referência à cauda, que possui a forma de uma tesoura.

Alimenta-se de néctar. Possui o hábito de viver solitário, sempre defendendo seu território de maneira agressiva. O ninho, em forma de taça, é sempre construído com teias de aranhas, forquilhas ou até mesmo pequenos ramos. Nele são depositados dois ovos de cor branca, e o casal é responsável pela incubação e cuidado com os filhotes.

Quero-quero | *Vanellus chilensis*



Foto: Autores

Nome popular: Quero-quero

Nome científico: *Vanellus chilensis*

Ocorrência: Em todo Brasil, Argentina e leste da Bolívia.

Tamanho: 37 cm de comprimento.

Descrição: Possui um esporão de cor vermelha embaixo das asas, que é exibido durante o voo, usado para afastar possíveis inimigos (predadores e pessoas). É uma ave territorialista, que defende com muita agressividade o entorno do ninho e seus filhotes. É reconhecido por vocalizar constantemente quando se sente ameaçado, emitindo sons de alerta a qualquer indício de perturbação.

É possível observá-lo em áreas abertas, pastos, plantações e áreas ocupadas pelos seres humanos, como campos de futebol. Alimenta-se de invertebrados aquáticos, peixes pequenos, artrópodes e moluscos. Constrói seu ninho no chão com pequenos gravetos, onde deposita de três a quatro ovos de coloração parda com muitas manchas escuras, camuflando-o com o solo. Os filhotes abandonam o ninho poucas horas após o nascimento e, quando se sentem ameaçados, fingem-se de mortos para não chamar a atenção dos predadores.

Gavião-real | *Harpia harpyja*



Foto: Autores

Nome popular: Gavião-real

Nome científico: *Harpia harpyja*

Ocorrência: Ocorre do sul do México até o extremo nordeste da Argentina e Paraguai. No Brasil, é encontrado em áreas florestadas.

Tamanho: 105 cm de comprimento.

Descrição: É a maior ave de rapina brasileira, sendo a fêmea bem maior que o macho, com garras e bico bem poderosos. Sua cabeça é cinza, com a porção dorsal quase preta, a porção ventral branca e as laterais escuras. A crista é cinza-escura e seu olho é âmbar. Sua cauda é larga, com barrado cinza e preto bem evidente. No voo é possível perceber que suas asas são longas e arredondadas, brancas na parte de baixo mas com uma faixa preta próximo à borda anterior.

É uma espécie rara, de difícil detecção, encontrada em áreas de florestas. Alimenta-se de macacos, bichos-preguiças, tatus, cachorros-do-mato, cutias, porcos, filhotes de veados, lagartos, serpentes, mutuns, seriemas, araras, entre outros animais. Constrói seu ninho empilhando galhos em árvores de grande porte, como castanheiras e sumaumeiras. Geralmente a fêmea põe dois ovos, mas apenas um filhote sobrevive ao final do período reprodutivo. Os filhotes podem realizar o comportamento de cainismo (nome associado ao personagem bíblico Caim), no qual o filhote que nasceu primeiro mata ou derruba do ninho o filhote mais novo, o que garante a sobrevivência nos primeiros dias de vida. A espécie está ameaçada de extinção, classificada como "vulnerável" pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Suas principais ameaças são a perda e degradação das florestas, a caça, a colisão com linhas de alta tensão e as mudanças climáticas, que afetam o ambiente onde vivem.

Carcará | *Caracara plancus*



Foto: Autores

Nome popular: Carcará

Nome científico: *Caracara plancus*

Ocorrência: Brasil (sul, sudeste e centro-oeste do Brasil, estendendo-se até o sul da Amazônia), Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e parte do Chile.

Tamanho: Entre 50 e 60 cm de comprimento.

Descrição: Costas recobertas de penas pretas e peito de coloração marrom com listras pretas. Possui patas amarelas e compridas e apresenta a face amarelada ou avermelhada. Em voo é muito parecido com o urubu, mas as manchas brancas presentes na ponta das asas permitem reconhecê-lo.

Alimenta-se de quase tudo o que encontra, incluindo lixo produzido por humanos. Possui uma infinidade de estratégias para se alimentar: caça lagartos e cobras, rouba filhotes de outras aves, procura restos de comidas e vísceras de peixes em acampamentos de pescadores, além de seguir tratores que aram o solo em busca de minhocas. Encontrado sozinho, aos pares ou em grupos, é muito visto no chão, mesmo sendo um excelente voador. Nas horas mais quentes do dia tende a ficar pousado na copa das árvores. Constrói seu ninho com galhos e gravetos secos em árvores, mas pode usar ninhos de outras aves. A incubação e os cuidados com os filhotes são compartilhados pelo casal.

Coruja-buraqueira | *Athene cunicularia*



Foto: Autores

Nome popular: Coruja-buraqueira

Nome científico: *Athene cunicularia*

Ocorrência: Do Canadá ao extremo sul da América do Sul, incluindo todo o Brasil com exceção da Amazônia.

Tamanho: 23 cm de comprimento.

Descrição: Os machos são maiores que as fêmeas. Possuem olhos amarelos, sendo a coloração das penas semelhante à cor da terra.

É encontrada em campos, cerrados, pastos, praias e áreas urbanas. Apresenta dieta bem variada, composta por insetos, roedores, anfíbios, répteis (serpentes e lagartos) e morcegos. O ninho é feito em buracos no chão, nos quais o casal alarga as galerias e as forra com esterco e capim seco. São incubados de sete a nove ovos pela fêmea, e quando os filhotes nascem o macho cuida de sua alimentação e proteção. Gostam de tomar banho de poeira, são ativas durante o dia e à noite, sendo facilmente vistas pousadas em cercas, cupinzeiros e no chão, próximas ao ninho. Quando os filhotes se sentem ameaçados, emitem um som parecido com a cascavel, de forma a amedrontar e afastar possíveis predadores. As corujas exercem importante papel ecológico na natureza, pois são predadores de outros animais, principalmente insetos e roedores, prejudiciais à saúde humana. Infelizmente, muitas pessoas sentem medo e acreditam em mitos envolvendo as corujas, que acabem sendo consideradas de mau agouro. Por outro lado, na antiguidade a coruja era considerada símbolo de sabedoria.

Martim-pescador-grande
| *Megaceryle torquata*



Foto: Autores

Nome popular: Martim-pescador-grande

Nome científico: *Megaceryle torquata*

Ocorrência: Do México ao extremo sul da América do Sul.

Tamanho: 22 cm de comprimento.

Descrição: Esta é a maior espécie de martim-pescador que existe no Brasil. Possui bico grande e forte, penas azuis e garganta branca. O macho apresenta um tom de ferrugem no peito e na barriga, enquanto a fêmea tem o peito azulado com uma faixa branca separando o peito azul da barriga ferrugem.

É encontrada empoleirada próximo a rios, córregos, lagoas e açudes. Alimenta-se basicamente de peixes que, ao encontrar, mergulha para capturá-lo e retorna ao poleiro. Para matar a presa geralmente a bate contra uma superfície dura (uma pedra, por exemplo). Em períodos de chuva, quando a água fica turva, complementam sua dieta com insetos, pequenos répteis e caranguejos. Fazem ninho em barrancos, sendo escavadas extensas galerias (até dois metros de comprimento) onde são colocados até 6 ovos de coloração branca. A incubação e os cuidados com os filhotes são compartilhados pelo casal.

Ariramba-de-cauda-ruiva | *Galbula ruficauda*



Foto: Autores

Nome popular: Ariramba-de-cauda-ruiva

Nome científico: *Galbula ruficauda*

Ocorrência: Sul do México, América Central e norte da América do Sul, além do Brasil em área que se estende do rio Amazonas até os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Tamanho: Entre 19 e 25 cm de comprimento.

Descrição: É muito confundida com os beija-flores por causa do seu longo e fino bico e da coloração brilhante. No macho, as costas, a cabeça e o peito são de coloração verde metálico, a garganta é branca e a barriga, castanha. As fêmeas possuem barriga mais pálida e a garganta com um tom ferrugíneo.

Frequentemente é encontrada próxima à água. Usa os galhos e cipós como poleiros para espreitar as presas. Sua especialidade é caçar insetos em voo, e com muita agilidade caça abelhas, libélulas e mariposas. Após a captura, retorna para o mesmo poleiro, local onde retira as asas dos insetos batendo-os várias vezes, o que facilita a ingestão. Vive em casal o ano inteiro e faz seu ninho cavando galerias estreitas e compridas em barrancos de rios, onde fazem a postura de até 4 ovos brancos e brilhantes. A incubação e os cuidados com filhotes são compartilhados pelo casal.

Tucano-de-papo-branco | *Ramphastos tucanus*



Foto: Autores

Nome popular: Tucano-de-papo-branco

Nome científico: *Ramphastos tucanus*

Ocorrência: Da Venezuela ao Brasil, onde está restrito à Amazônia e em áreas de transição Amazônia-Cerrado.

Tamanho: Entre 53 e 58 cm de comprimento.

Descrição: Como o próprio nome diz, esta espécie possui o papo ou garganta toda branca. O bico tem um tom avermelhado, mas é alaranjado na ponta. Apresenta uma linha longitudinal amarela na parte de cima do bico, que se conecta com uma faixa amarela transversal na base do bico, próximo à cabeça. Na parte inferior do bico a faixa transversal é azul, assim como a região em volta dos olhos.

Alimenta-se de frutos, insetos, pequenos lagartos e cobras, ovos e filhotes de outras aves. Faz ninhos em buracos de árvores, onde deposita de dois a quatro ovos de cor branca. Geralmente vive em pequenos bandos e é muito comum vê-los nas copas das árvores.

Pica-pau-do-campo | *Colaptes campestris*



Foto: Autores

Nome popular: Pica-pau-do-campo

Nome científico: *Colaptes campestris*

Ocorrência: Paraguai, Bolívia e Brasil (em todo o nordeste, centro-oeste, sudeste e sul).

Tamanho: 32 cm de comprimento.

Descrição: Graças ao amarelo presente nos lados da cabeça e do pescoço, é muito fácil reconhecê-lo. Além disso, possui o peito, a cabeça e a nuca pretos e barrados (com barras). O macho possui duas faixas avermelhadas, uma em cada lado da parte lateral inferior da cabeça.

Esta espécie vive em casais ou grupos nos campos e cerrados. Diferentemente de outras espécies de pica-paus, vive no solo e se alimenta de insetos, principalmente de formigas e cupins. Sua língua funciona como uma vara para capturar os insetos, mas também pode se alimentar de pequenos frutos. Os ninhos são construídos em árvores, barrancos e até mesmo em cercas onde são depositados de quatro a cinco ovos de cor branca brilhante. O casal faz a incubação e cuida dos filhotes após o nascimento.

Marianinha-de-cabeça-amarela | *Pionites leucogaster*



Foto: Autores

Nome popular: Marianinha-de-cabeça-amarela

Nome científico: *Pionites leucogaster*

Ocorrência: Do oeste do estado do Maranhão até o Acre, sudoeste do Peru e norte da Bolívia.

Tamanho: 23 cm de comprimento.

Descrição: Esta espécie possui costas verdes, cabeça alaranjada, peito quase branco, garganta e parte inferior da cauda amarelas. Na parte de cima da cauda também há penas verdes, semelhantes às encontradas nas costas.

Além de frutos, esta espécie alimenta-se de néctar e pétalas das flores. Vive em bandos e faz seu ninho em cavidades (buracos) nos troncos de árvores.

Arara-canindé | *Ara ararauna*



Foto: Autores

Nome popular: Arara-canindé

Nome científico: *Ara ararauna*

Ocorrência: Do Panamá ao norte da Argentina e do Paraguai. No Brasil, ocorre da Amazônia ao norte do estado do Paraná.

Tamanho: Entre 80 e 86 cm de comprimento.

Descrição: Possui uma inconfundível coloração azul nas costas e parte dorsal da asa, amarela-dourada na parte inferior até a face e um detalhe verde no topo da cabeça, bem no encontro com o bico. Seus olhos são pardos e sua face é branca com detalhes em linhas negras.

Esta espécie possui hábitos diurnos e se alimenta basicamente de frutos e sementes. Faz seu ninho em cavidades (buracos) nas árvores. Normalmente sai em duplas ou grupos bem cedinho para se alimentar em algum local e retorna ao local de origem para dormir.

João-de-barro | *Furnarius rufus*



Foto: Autores

Nome popular: João-de-barro

Nome científico: *Furnarius rufus*

Ocorrência: Ocorre nas regiões centro-oeste, sul e sudeste do Brasil e nos estados do Piauí, Pernambuco, Alagoas e sudeste do Pará. Fora do Brasil é encontrado na Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia.

Tamanho: Entre 18 e 20 cm de comprimento.

Descrição: Possui peito marrom-avermelhado, costas marrons escuras e sobranalha de cor levemente branca.

Esta espécie é facilmente encontrada em locais urbanizados e tem o hábito de se alimentar de insetos. Às vezes pode se alimentar de frutos, caso haja escassez de insetos. O ninho é feito comumente de barro, esterco e palhas, e é construído tanto pelo macho quanto pela fêmea. O ninho tem o formato de um forno de barro e possui uma divisão dentro para evitar predadores e correntes de ar.

Cricrió | *Lipaugus vociferans*



Foto: Autores

Nome popular: Cricrió

Nome científico: *Lipaugus vociferans*

Ocorrência: Toda Amazônia brasileira e na parte amazônica das Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Também ocorre em algumas florestas brasileiras do estado de Pernambuco ao estado do Espírito Santo.

Tamanho: Entre 24 e 28 cm de comprimento.

Descrição: Possui cor predominantemente cinza escura nas costas, com olhos cinzas e bico negro. A parte inferior, como a garganta, o peito e o ventre, tem tonalidade mais clara.

Alimenta-se basicamente de frutos e, quando estes estão escassos, pode se alimentar de insetos. Os machos podem viver em grupos de até 18 indivíduos, mas grupos de quatro a 10 indivíduos são mais comuns.

Anambé-roxo | *Xipholena punicea*



Foto: Autores

Nome popular: Anambé-roxo

Nome científico: *Xipholena punicea*

Ocorrência: Ocorre no Brasil (região amazônica, dos estados de Roraima e Amapá até o estado de Mato Grosso), parte da Venezuela e da Colômbia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

Tamanho: 20 cm de comprimento.

Descrição: O macho apresenta uma coloração púrpura em quase todo o corpo, o que deu origem ao nome popular da espécie, anambé-roxo. A íris dos olhos é amarela e suas pernas são cinzas. O macho apresenta a parte inferior das asas totalmente brancas, o que é bem visível durante o voo. O macho juvenil e a fêmea são bem semelhantes entre si, apresentando coloração acinzentada; mas o juvenil masculino apresenta plumagem com algumas manchas roxas.

Vive em todos os tipos de florestas úmidas amazônicas, desde a mata de terra firme até as matas de várzea e igapó e nas caatingas amazônicas. Alimenta-se de frutos e de insetos em revoada. As fêmeas podem ser observadas em bandos mistos, ou seja, em grupos formados por diferentes espécies de aves.

Bem-te-vi | *Pitangus sulphuratus*



Foto: Autores

Nome popular: Bem-te-vi

Nome científico: *Pitangus sulphuratus*

Ocorrência: Ocorre em toda América Latina, podendo também ser encontrado no sul do Texas e na ilha de Trinidad.

Tamanho: Entre 20,5 e 25 cm de comprimento.

Descrição: Possui coloração predominantemente amarela no peito e barriga, costas amarronzadas e detalhes brancos na garganta e cabeça. Possui também um "topete" na tonalidade preta, que se levanta em algumas ocasiões.

O nome popular bem-te-vi vem de uma de suas vocalizações, na qual quase é possível escutar um "bem te viiii". Esta espécie é bastante oportunista em sua alimentação, ou seja, alimenta-se do que está disponível para ela naquele momento, como insetos, frutas, ovos de outras aves e pequenos vertebrados, como pequenos lagartos.

Gralha-picaça |
Cyanocorax chrysops

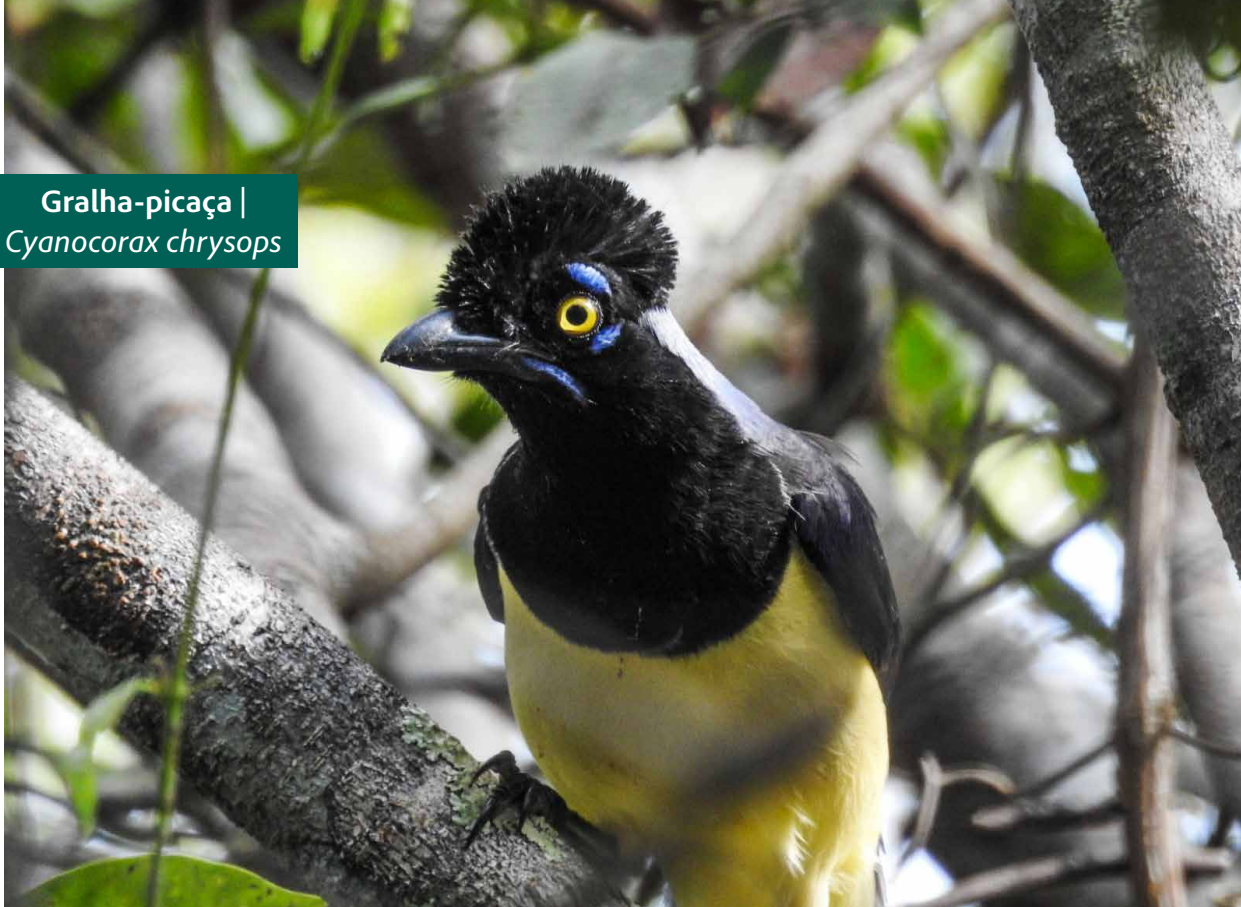


Foto: Autores

Nome popular: Gralha-picaça

Nome científico: *Cyanocorax chrysops*

Ocorrência: Ocorre nos estados brasileiros de Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Ocorre também em outros países, como Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia.

Tamanho: 34 cm de comprimento.

Descrição: Possui tonalidade azul marinha na maior parte do corpo. O pescoço e o peito são negros e a barriga e ponta da cauda são amareladas ou brancas. Também apresenta nuca e "sobrancelha" azul-esbranquiçada, de tom vibrante.

A gralha possui um canto definido como tagarelante e consegue imitar a vocalização de outras aves e também de mamíferos. Alimenta-se de frutos, insetos e até mesmo de ovos de outras aves. A espécie é perseguida por criadores de galinhas, pois é frequentemente vista alimentando-se dos ovos delas. Em períodos reprodutivos elas vivem em bandos de 16 a 20 indivíduos. Quando o período reprodutivo acaba, elas andam em casais. Faz seu ninho em árvores bem altas e espinhentas e a cor dos ovos é azul-celeste.

Sabiá-laranjeira | *Turdus rufiventris*



Foto: Autores

Nome popular: Sabiá-laranjeira

Nome científico: *Turdus rufiventris*

Ocorrência: Do estado do Maranhão ao estado do Rio Grande do Sul, incluindo Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Fora do Brasil ocorre na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Tamanho: Entre 20 e 25 cm de comprimento.

Descrição: Possui costas marrom-acinzentadas, peito pardo e barriga vermelho-ferrugem. Apresenta também um contorno nos olhos de tom amarelo vivo e o bico é amarelo mais escuro.

Conhecida por ter um canto lindo e leve, assemelhando-se ao som de uma flauta, esta espécie possui diversas canções com seu nome. O canto serve para demarcar território e, no caso dos machos, para atrair a fêmea. A fêmea também canta, mas numa frequência bem menor que o macho. Possui hábitos alimentares bem oportunistas, alimentando-se de insetos, frutos e até rações de animais domésticos. O ninho é feito entre setembro e janeiro, geralmente em arbustos, árvores de folhagem densa ou bananeiras, com fibras e gravetos ligados por um pouco de lama, num formato de tigela funda. Por dentro são revestidos de materiais mais macios, como hastes de flores e capim.

Tiziu | *Volatinia jacarina*



Foto: Autores

Nome popular: Tiziu

Nome científico: *Volatinia jacarina*

Ocorrência: Do México ao norte da Argentina e do Uruguai.

Tamanho: Entre 10 e 11,5 cm de comprimento.

Descrição: O macho apresenta coloração negro-azulada na época de reprodução. Após a reprodução, apresenta coloração de penas negras com bordas esbranquiçadas. A parte de baixo das asas é branca. Fêmeas e machos jovens apresentam coloração semelhante, com tons pardos nas partes superiores e esbranquiçados nas partes inferiores, sendo que o macho jovem apresenta algum tom de negro na cabeça.

Alimenta-se de grãos, mas pode capturar cupins e formigas na época de revoada desses insetos. Vive em bandos grandes e podem ser vistos disputando quicera com galinhas. Na época da reprodução é comum observar o macho pousar em lugares baixos, emitir um pio abrupto enquanto salta para cima agitando as asas, quando é possível observar a cor branca embaixo delas.

Pipira-vermelha | *Ramphocelus carbo*



Foto: Autores

Nome popular: Pipira-vermelha

Nome científico: *Ramphocelus carbo*

Ocorrência: Ocorre da Colômbia e Venezuela até o leste do Paraguai e sul do Brasil (oeste do estado do Paraná e Mato Grosso do Sul). Não há registros da espécie no extremo leste do Brasil.

Tamanho: Entre 16 e 20 cm de comprimento.

Descrição: O macho apresenta a maior parte da mandíbula branco-fosforescente, muito chamativa. Ele é marrom escuro, quase preto, com a garganta e peito vermelhos bem escuros conferindo um aspecto aveludado, conforme a luz. A fêmea não apresenta a mandíbula branca e sua coloração é mais clara. Os machos juvenis parecem-se com a fêmea.

Vive em grupos de quatro a oito indivíduos, compostos de mais fêmeas do que machos. Alimenta-se de frutos, insetos e néctar das flores. Constrói seus ninhos em forma de tigela entre arbustos, onde duas ou mais fêmeas botam seus ovos, sendo que o ninho pode ser utilizado novamente na próxima reprodução. Durante o voo costumam emitir um pio alto e rápido, para manterem contato entre eles. Caso aconteça alguma perturbação, esse pio é utilizado como um alarme, pois todo o bando começa a piar junto, o que atrai mais pipiras e outras aves também para o local da perturbação, servindo como estratégia de defesa.

Sanhaço-da-amazônia | *Thraupis episcopus*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Sanhaço-da-amazônia

Nome científico: *Thraupis episcopus*

Ocorrência: Do México até a região amazônica do Brasil.

Tamanho: Entre 15 e 18 cm de comprimento.

Descrição: Machos e fêmeas apresentam a mesma coloração cinza-azulada na parte superior do corpo. As partes inferiores são mais claras. Diferencia-se de outras espécies de sanhaço por apresentar uma mancha branca bem evidente na base das asas.

Quando chove fica empoleirado em galhos secos esperando a revoada de cupins, dos quais se alimenta. Alimenta-se também de frutos e néctar de flores. O casal constrói o ninho em forma de taça, o qual fica escondido entre as folhagens. Esse ninho pode ser aproveitado ao longo do ano para repetidas posturas. É a fêmea que “choca” os ovos, mas o macho ajuda na alimentação dos filhotes.

Sete-cores-da-amazônia | *Tangara chilensis*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Sete-cores-da-amazônia

Nome científico: *Tangara chilensis*

Ocorrência: Do sul da Venezuela e Colômbia até a região amazônica brasileira, excluindo o Maranhão e Tocantins.

Tamanho: É uma das espécies de saíras com um dos coloridos mais exuberantes, sendo que machos e fêmeas apresentam a mesma coloração: cabeça verde clara, parte posterior do dorso vermelha ou alaranjada, garganta azul escura, parte inferior do corpo azul turquesa e abdômen negro.

Desloca-se em grupos de quatro a 10 indivíduos pelas copas das árvores. É encontrada em mata de terra firme, mata de várzea, capoeiras, plantações e clareiras. Alimenta-se de pequenos frutos e insetos. É possível observá-la tomando banho em gravatás com outras espécies de saíras.

Pardal | *Passer domesticus*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Pardal

Nome científico: *Passer domesticus*

Ocorrência: Originalmente na Europa, Ásia e norte da África. Foi introduzida nas Américas, sul da África e Austrália.

Tamanho: 15 cm de comprimento.

Descrição: O macho adulto apresenta uma coroa cinza, nuca castanha, face branca, "babador" preto, bico preto, parte de cima do corpo rajado de marrom e preto e parte de baixo do corpo acinzentada. A fêmea é semelhante ao macho, mas não apresenta o "babador" e nem o bico preto, sendo seu bico amarelado e seu corpo mais acinzentado.

Espécie exótica (não nativa) que foi introduzida no Brasil no começo do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de diminuir a quantidade de mosquitos na cidade. É uma das espécies mais comuns em ambientes urbanos. Além dos insetos, alimenta-se de sementes e grãos, como o arroz, por exemplo. Vive em bandos e é bem comum observá-los tomando banho tanto em água como em areia. O casal cria de dois a três filhotes por postura.

BIBLIOGRAFIA

ANTAS, P. T. Z. **Pantanal – Guia de Aves**. Rio de Janeiro: SESC, 2009.

BRUSH, T. Ringed kingfisher (*Megaceryle torquata*), version 1.0. In: Poole, A. F. (ed.). **Birds of the World**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.rinkin1.01>. Acesso em 16/03/2023.

CHAINED, N. M. Rufous-tailed jacamar (*Galbula ruficauda*), versão 1.0. In: Schulenberg, T. S. (ed.). **Birds of the World**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.rutjac1.01>. Acesso em 16/03/2023.

CROZARIOL, M. A.; GOMES, F. B. R. Predação de *Leptodactylus fuscus* (Schneider, 1799) (Anura: Leptodactylidae) por *Caracara plancus* (Miller, 1777) (Aves: Falconidae), com notas sobre história natural, no Vale do Paraíba do Sul, SP. **Atualidades Ornitológicas**, v. 149, p. 4-5, 2009.

DEL HOYO, J.; SHORT, L. L.; COLLAR, N.; SHARPE, C. J.; KIRWAN, G. M. White-throated toucan (*Ramphastos tucanus*), version 1.0. In: BILLERMAN, S. M.; KEENEY, B. K.; RODEWALD, P. G.; SCHULENBERG, T. S. (eds.). **Birds of the World**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.whttou1.01>. Acesso em 16/03/2023.

DIAS, R. I.; MACEDO, R. H. CAMPO FLICKER (*Colaptes campestris*), version 1.0. In: Schulenberg, T. S. (ed.). **Birds of the world**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.camfli1.01>. Acesso em 16/03/2023.

GRANTSAU, R. **Guia completo para identificação das aves no Brasil**. Volume 1. São Carlos: Vento Verde, 2010.

_____. **Guia completo para identificação das aves no Brasil**. Volume 2. São Carlos: Vento Verde, 2010.

GWYNNE, J. A.; RIDGELY, R.S.; TUDOR, G.; ARGEL, M. **Aves do Brasil: Pantanal & Cerrado**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

LATTA, S. C.; HOWELL, C. A. Common pauraque (*Nyctidromus albicollis*), version 1.0. *In*: Poole, A. F. (ed.). **Birds of the world**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.compau.0.1>. Acesso em 16/03/2023.

MORRISON, J. L.; DAYER, J. F. Crested caracara (*Caracara plancus*), version 1.0. *In*: Poole, A. F. (ed.). **Birds of the world**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.y00678.01>. Acesso em 16/03/2023.

PACHECO, J. F.; SILVEIRA, L. F.; ALEIXO, A.; AGNE, C. E.; BENCKE, G. A.; BRAVO, G. A.; BRITO, G. R. R.; COHN-HAFT, M.; MAURÍCIO, G. N.; NAKA, L. N.; OLMOS, F.; POSSO, S. R.; LEES, A. C.; FIGUEIREDO, L. F. A.; CARRANO, E.; GUEDES, R. C.; CESARI, E.; FRANZ, I.; SCHUNCK, F.; PIACENTINI, V. Q. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee – second edition. **Ornithology Research**, v. 29, p. 94-105, 2021.

SICK, H. **Ornitologia brasileira – uma introdução**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SIGRIST, T. **Guia de campo Avis Brasilis – avifauna brasileira**: descrição das espécies. São Paulo: Avis Brasilis, 2009.

STILES, F. G.; KIRWAN, G. M.; BOHEMAN, P. F. D. Fork-tailed woodnymph (*Thalurania furcata*), version 1.0. *In*: DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J.; CHRISTIE, D. A.; DE JUANA, E. (eds.). **Birds of the world**. Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.2173/bow.fotwoo1.01>. Acesso em 16/03/2023.

MAMÍFEROS



MAMÍFEROS

Luan Gabriel Lima-Silva¹

Ravena Fernanda Braga Mendonça¹

Claudilívia Ferreira¹

Leonan da Silva Dutra¹

Rogério Viera Rossi¹

Mamíferos são animais pertencentes à classe Mammalia, com grande diversidade de espécies conhecidas. Suas principais características são o corpo coberto de pelos, a capacidade de manter a temperatura do corpo estável, o desenvolvimento do filhote dentro do corpo materno, a produção de leite por meio de glândulas mamárias e os cuidados prolongados da mãe com os filhotes. No Brasil, a Amazônia é o bioma com maior diversidade de espécies de mamíferos, seguida da Mata Atlântica e do Cerrado. O Brasil é um dos países com maior número de espécies de mamíferos do mundo, com 775 espécies pertencentes a 247 gêneros, 51 famílias e 11 ordens. As ordens mais diversas são Rodentia (roedores) e Primates (macacos), com 267 e 131 espécies, respectivamente. A ordem Perissodactyla é a menos diversa, com apenas uma espécie reconhecida para o território brasileiro: a anta. Na região da BR-242/MT já foram registradas 53 espécies de mamíferos, algumas das quais são apresentadas a seguir.

1 Laboratório de Mastozoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Brasil. E-mail: lgsilva16@gmail.com; ravena.fernanda27@gmail.com.

Macaco-aranha, coatá-de-testa-branca
| *Ateles marginatus*



Foto: Ravena Mendonça

Nome popular: Macaco-aranha, coatá-de-testa-branca

Nome científico: *Ateles marginatus*

Ocorrência: Restrita aos estados do Pará e Mato Grosso.

Tamanho: Cabeça e corpo 40-70 cm e cauda 70-90 cm.

Descrição: Uma característica marcante, presente no nome popular da espécie, é a coloração esbranquiçada nas bochechas e na testa. A pelagem corporal é inteiramente preta. A cauda é preênsil e funciona como um quinto membro que auxilia no suporte e deslocamento entre as árvores.

Esta espécie habita áreas de florestas, de preferência áreas bem conservadas, com pouca interferência do homem. Pode formar grupos de 15 a 25 indivíduos. Os machos geralmente são maiores, pesando em média 6,2 kg, enquanto as fêmeas pesam em média 5,8 kg. As fêmeas geram um filhote por vez e a gestação dura em média sete meses. A dieta destes primatas é composta por frutos maduros, flores, insetos, mel e troncos em decomposição. Pouco se sabe sobre o número total de indivíduos na natureza, mas algumas estimativas sugerem que haja menos de 10.000 indivíduos, o que coloca a espécie como "ameaçada de extinção" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Mico, Sagui-de-Snethlage | *Mico emiliae*



Foto: Biodiversity4All/Jessica dos Anjos

Nome popular: Mico, Sagui-de-Snethlage.

Nome científico: *Mico emiliae*

Ocorrência: Sul do estado do Pará e parte central do estado de Mato Grosso.

Tamanho: Cabeça e corpo 21 cm e cauda 32,5 cm.

Descrição: Este pequeno primata pode ser reconhecido através da coloração de pelagem escura na região da cabeça e focinho levemente rosado. O corpo possui coloração cinza prateada modificando para castanho-alaranjada nas mãos, pernas e pés. A coloração da cauda é preta com base castanha.

Forma grupos de cinco a 15 indivíduos em que geralmente há apenas uma fêmea reprodutora, a qual pode copular com mais de um macho. A gestação dura geralmente 140 dias, da qual nascem filhotes gêmeos. Sua dieta é composta por pequenos frutos, néctar, seiva, goma e pequenos animais. Os grupos desta espécie ocorrem tanto em áreas de florestas conservadas quanto em áreas impactadas pelo homem. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Guigó-do-vieira, Zogue-zogue, Sauá | *Plecturocebus vieirai*

Foto: Ravena Mendonça

Nome popular: Guigó-do-vieira, Zogue-zogue, Sauá

Nome científico: *Plecturocebus vieirai*

Ocorrência: Centro sul do estado do Pará e centro norte do estado de Mato Grosso.

Tamanho: Cabeça e corpo 32,5 cm nos machos e 31 cm nas fêmeas; cauda 46 cm em ambos os sexos.

Descrição: Possui corpo de coloração castanha-clara acinzentada. A pele da face é enegrecida com pelos esbranquiçados na testa, cabeça, barba e também nas mãos, pés e ponta da cauda. Já a barriga, garganta e lado interno dos membros possuem coloração alaranjada.

Vive em grupos relativamente pequenos, de três a cinco indivíduos, com fêmeas e machos que vivem em parceria por toda a vida. A gestação dura em média seis meses, da qual nasce apenas um filhote, que é cuidado tanto pela mãe quanto pelo pai. Vive em média 13 anos. Ocorre em áreas de florestas úmidas, matas ciliares e áreas próximas a palmeiras de buriti (*Mauritia flexuosa*). Sua alimentação principal é composta de frutos, incluindo também folhas, flores, sementes e insetos. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Macaco-prego | *Sapajus libidinosus*



Foto: Freepik/Paruna

Nome popular: Macaco-prego

Nome científico: *Sapajus libidinosus*

Ocorrência: Ocorre do Maceió ao Maranhão, estendendo-se até o sudoeste de Minas Gerais, noroeste de São Paulo, Mato Grosso do Sul e centro-sul de Mato Grosso.

Tamanho: Cabeça e corpo 41,5 cm e 43,5 cm de cauda.

Descrição: Possui tufo de cor preta na região superior da cabeça, que lembram um "topete", bem como mãos e pés com a mesma coloração. O corpo é pardo-amarelado, com a região das costas e lateral das coxas marrons acinzentadas.

Geralmente formam grupos de 10 indivíduos, no entanto há registros de grupos com até 50 indivíduos. A gestação dura em média cinco meses, da qual nasce apenas um filhote. Possui hábito arborícola, mas pode utilizar também o chão para deslocamento ou procura de alimentos. Sua dieta é variada e inclui frutos, flores, sementes, brotos, ovos de pássaros, pequenos vertebrados e invertebrados. Faz uso de alguns tipos de "ferramentas", como pedras, para abrir frutos duros e secos. Ocorre em áreas de Caatinga, Cerrado e áreas de transição Cerrado-Amazônia. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Tamanduá-bandeira | *Myrmecophaga tridactyla*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Tamanduá-bandeira

Nome científico: *Myrmecophaga tridactyla*

Ocorrência: Ocorre da América Central até o norte da Argentina, Paraguai e sul do Brasil (estado do Paraná).

Tamanho: Cabeça e corpo 1 a 1,2 m e cauda 650 a 900 cm.

Descrição: Possui corpo alongado e estreito, de coloração cinza, com uma listra diagonal preta com bordas brancas ao longo do pescoço. Os pelos são grossos e rígidos e se alongam na porção da cauda. Apresenta três garras longas e poderosas, focinho longo e cilíndrico e uma língua comprida especializada para a predação de sua principal fonte de alimento: formigas e cupins.

Pode consumir até 35.000 formigas em um único dia. Seu peso varia de 18 a 35 kg. É uma espécie solitária, com exceção de fêmeas quando estão com filhotes em períodos de amamentação. A gestação dura aproximadamente seis meses, da qual nasce apenas um filhote. Pode ser encontrado em florestas úmidas, savanas, pradarias e áreas úmidas. Está classificada como "vulnerável" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Tatu-canastra | *Priodontes maximus*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Tatu-canastra

Nome científico: *Priodontes maximus*

Ocorrência: Ocorre da Colômbia e Venezuela até o norte da Argentina, norte do Paraguai. No Brasil, estende-se até o estado do Mato Grosso do Sul e sul de Minas Gerais, mas está ausente em toda a região nordeste do país, com exceção do oeste do estado do Maranhão.

Tamanho: Cabeça e corpo 75-100 cm e cauda com 50 cm.

Descrição: Maior tatu das Américas, o tatu-canastra possui poucos pelos em seu corpo. Possui coloração marrom escura, com exceção da borda de sua carapaça, cabeça e cauda, que apresentam coloração esbranquiçada. A cauda é menor que o corpo, longa, afilada, coberta por pequenos escudos. As garras são bem desenvolvidas e curvadas e podem medir até 20 cm, o que auxilia na escavação de suas tocas.

Possui hábito noturno e solitário, só encontrando outros indivíduos em períodos reprodutivos. Sua dieta é variada e inclui cupins, formigas, outros insetos, aranhas, minhocas, larvas, serpentes e carniça. Adultos podem chegar a pesar 60 kg. A gestação dura, em média, quatro meses, da qual nascem de um a dois filhotes. Ocorre em habitat de floresta, savana e campos abertos. Atualmente, sua principal ameaça é a caça e a perda de habitat. Está classificada como "vulnerável" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Onça-pintada | *Panthera onca*



Foto: Creative CommonsCharles J. Sharp

Nome popular: Onça-pintada

Nome científico: *Panthera onca*

Ocorrência: Ocorre do norte do México até o extremo norte da Argentina e leste do estado do Paraná no Brasil.

Tamanho: Cabeça e corpo 1,1 a 1,8 m e cauda entre 45 e 75 cm.

Descrição: Maior felino das Américas, possui coloração que varia em tons de amarelo, com manchas pretas em forma de rosetas nos ombros, dorso e flancos (laterais do corpo). Na natureza há também outra variação de cor, na qual o indivíduo possui coloração totalmente preta, mas ainda com as rosetas aparentes quando há a incidência de luz.

É uma espécie carismática por seu porte e beleza. Possui um importante papel na qualidade da biodiversidade local, por ser o principal predador de diversas espécies as quais, na sua ausência, podem atingir grandes densidades populacionais, causando desequilíbrio ecológico. O peso varia de 36 a 120 kg. A dieta inclui porcos-do-mato, veados, capivaras, jacarés, tamanduás-bandeiras e tatus. As fêmeas podem se reproduzir ao longo do ano, com um período de gestação de três a quatro meses, dando à luz uma ninhada que varia de um a quatro filhotes. Ocorre em áreas de florestas, savanas, áreas abertas e áreas úmidas. A principal ameaça a esta espécie é a fragmentação e redução de seu hábitat natural e a caça. Está classificada como "vulnerável" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Onça-parda, Suçuarana
| *Puma concolor*



Foto: Freepik/tigerstock

Nome popular: Onça-parda, Suçuarana

Nome científico: *Puma concolor*

Ocorrência: Ocorre do sudoeste do Canadá ao sul da Argentina e Chile.

Tamanho: Cabeça e corpo 1,1 m e cauda 57 a 62 cm.

Descrição: Com corpo alongado e esguio, a onça-parda possui coloração uniforme, variando do amarelo-pardo ao avermelhado na região dorsal. Ventre e parte interna dos membros são mais claros.

O peso pode variar de 40 a 72 kg em machos e 34 a 48 kg em fêmeas. O período de gestação dura de três a quatro meses, da qual nascem de um a seis filhotes. Possui hábito solitário e crepuscular. O hábito alimentar é oportunista, consumindo uma variedade de presas de acordo com a disponibilidade no ambiente. Alimenta-se de pacas, tatus, quatis, aves e répteis. Outras presas de maior porte, como porcos-do-mato, capivaras e jacarés, também fazem parte de sua dieta. Ocorre em áreas de florestas, savanas, áreas úmidas e áreas abertas. As principais ameaças à espécie são a fragmentação e a perda de habitats, além da caça. Está classificada como "vulnerável" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Anta | *Tapirus terrestris*



Foto: Adobe Stock/Jesse kraft

Nome popular: Anta

Nome científico: *Tapirus terrestris*

Ocorrência: Ocorre da Colômbia e Venezuela até o norte da Argentina e estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Tamanho: 1 m de altura na região dos ombros.

Descrição: Possui uma pequena tromba, que utiliza para coletar alimento. A pelagem corporal é uniforme e de coloração marrom-escuro, com ventre e partes internas dos membros de coloração clara. Uma faixa de pelos espessos e enegrecidos da cabeça até o início das costas está presente.

Maior herbívoro silvestre das Américas, a anta pesa 177 kg, em média. Os filhotes geralmente possuem pelagem diferenciada, com listras horizontais brancas por todo o corpo, que desaparecem em direção às extremidades das patas. É mais ativa durante o período noturno. O período de gestação dura de 13 a 14 meses, da qual nasce apenas um filhote. Sua dieta é composta por folhas, fibras e frutos. Exerce grande importância na natureza como um dos principais dispersores de sementes, colaborando para a manutenção de várias áreas naturais. Ocorre em áreas de florestas, savanas, áreas úmidas e áreas abertas. As principais ameaças à espécie são a fragmentação e perda de hábitat, a caça e doenças provindas de animais domésticos. A Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção a classifica como "vulnerável".

Queixada | *Tayassu pecari*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Queixada

Nome científico: *Tayassu pecari*

Ocorrência: Amplamente distribuído pelos estados brasileiros, exceto na região semiárida da Caatinga. Ocorre também em todos os países sul-americanos, exceto Chile e Uruguai.

Tamanho: Cabeça e corpo 90 a 120 cm.

Descrição: Possui coloração castanha escura por todo o corpo, com exceção da região do queixo, que possui coloração branca.

A gestação dura de seis a sete meses, da qual nascem dois filhotes. É mais ativo durante o dia, quando procura por alimentos em grandes grupos que podem variar de 50 a 150 indivíduos. Sua dieta é variada e inclui frutos, sementes, raízes, larvas de insetos e minhocas. É considerada importante para a dispersão de sementes e conservação de habitats naturais. Ocorre em áreas de florestas, savanas, áreas úmidas e áreas abertas. As principais ameaças à espécie são a fragmentação e perda de hábitat e a caça. Está classificada como "vulnerável" na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Tatu-peba ou Tatu-peludo | *Euphractus sexcinctus*



Foto: creativecommons/Charles J. Sharp

Nome popular: Tatu-peba ou Tatu-peludo

Nome científico: *Euphractus sexcinctus*

Ocorrência: Ocorre no sul do Suriname, Bolívia, Paraguai e nordeste da Argentina. No Brasil pode ser encontrada em todos os biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa.

Tamanho: Até 40 cm de cabeça e corpo e 24 cm de cauda.

Descrição: A carapaça é parda-amarelada, coberta por pelos longos e com seis a oito cintas móveis. Apresenta de dois a quatro orifícios no dorso da carapaça, próxima à base da cauda, por onde sai secreção de glândulas odoríferas. A cauda é longa e protegida por anéis córneos.

Alimenta-se de invertebrados, frutos, raízes, pequenos vertebrados, ovos e carniça. Possui o hábito de cavar buracos e viver em tocas. É solitária, exceto no período de reprodução. É diurna, mas pode ser ativa também à noite. Pode ficar parcialmente ereta sobre as patas traseiras e a cauda. No período reprodutivo, os machos perseguem as fêmeas correndo em fileiras, um atrás do outro. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Veado-fuboca |
Mazama nemorivaga



Foto: BioDiversity4All/Will Sweet

Nome popular: Veado-fuboca

Nome científico: *Mazama nemorivaga*

Ocorrência: Ocorre em áreas florestais e de transição Amazônia-Cerrado nos estados do Amazonas, Pará, Amapá, Rondônia, Mato Grosso e Maranhão.

Tamanho: Comprimento do corpo pode chegar a 75 cm.

Descrição: Pode apresentar uma mancha amarelada acima e um pouco à frente dos olhos. Pelagem dorsal castanha-acinzentada. A região dorsal da cauda é castanha escura e a região ventral é branca. Os machos apresentam chifres simples (sem ramificações) e curtos.

Espécie herbívora, de hábito diurno. A gestação produz um filhote por vez, com cerca de 1 kg, que apresenta pequenas manchas brancas no corpo. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Irara ou papa-mel | *Eira barbara*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome popular: Irara ou papa-mel

Nome científico: *Eira barbara*

Ocorrência: Ocorre desde o sul do México até o norte da Argentina. No Brasil, ocorre nos biomas Amazônia, Pantanal, Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica.

Tamanho: Cabeça e corpo até 71 cm e cauda até 47 cm.

Descrição: Possui corpo alongado, cabeça pequena, orelhas curtas e arredondadas e patas largas com garras fortes. A pelagem é curta e densa, de coloração marrom escura, sendo a cabeça e o ventre mais claros. Apresenta uma mancha alaranjada ou creme na parte de baixo do pescoço.

Alimenta-se de frutos, cana-de-açúcar e mel. Apresenta hábito diurno e solitário, embora possa ser encontrada em pares ou pequenos grupos familiares. É uma boa nadadora e escaladora de árvores, podendo caçar presas que superam seu tamanho. As fêmeas apresentam váriosaios durante o ano e a gestação dura de 63 a 70 dias, da qual nascem de um a quatro filhotes. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Quati, coati, quatumundéo, quati-de-vara | *Nasua nasua*



Foto: Ravena Mendonça

Nomes(s) popular(s): Quati, coati, quatumundéo, quati-de-vara

Nome científico: *Nasua nasua*

Ocorrência: Ocorre no Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai e Uruguai. No Brasil, ocorre nos biomas Amazônia, Pantanal, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Campos Sulinos.

Tamanho: Cabeça e corpo até 75 cm, assim como a cauda.

Descrição: Possui cabeça triangular, orelhas pequenas e arredondadas, focinho estreito e pontiagudo. Os membros anteriores são mais curtos que os posteriores. A face é escura, com um par de manchas brancas abaixo e acima dos olhos. A pelagem é longa, de coloração alaranjada ou marrom escura. A cauda é longa e anelada, intercalada por regiões marrons escuras e claras.

Alimenta-se de quase tudo que encontra: pequenos vertebrados, invertebrados, frutos, raízes e carniça. Os machos adultos são solitários, enquanto as fêmeas e os jovens formam grupos de 30 a 40 indivíduos. É diurna, podendo andar no solo e escalar árvores. Costuma percorrer diariamente seu território, caminhando com a cauda levantada, à procura de comida. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Jaguaririca, oncinha, gato-do-mato-grande, canguçu, maracajá
| *Leopardus pardalis*



Foto: Adobe Stock/Paruna

Nome (s) popular(s): Jaguaririca, oncinha, gato-do-mato-grande, canguçu, maracajá

Nome científico: *Leopardus pardalis*

Ocorrência: Ocorre do norte do México até o norte da Argentina e estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Tamanho: Cabeça e corpo até 101 cm e cauda até 35 cm.

Descrição: Apresenta pelos curtos com coloração dorsal amarelada e manchas negras que formam rosetas abertas, unindo-se em faixas nas laterais do corpo. O ventre é mais esbranquiçado, com manchas espaçadas.

Espécie carnívora, que pode se alimentar de pequenos e médios mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e caranguejos. Apresenta hábito solitário, exceto no período reprodutivo. É noturna, mas pode ser ativa também durante o dia. É excelente escaladora e boa nadadora. Durante a caça de suas presas, ataca por emboscada. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Gambá, raposa, saruê, seriguê, micurê | *Didelphis albiventris*



Foto: Ravena Mendonça

Nome (s) popular(s): Gambá, raposa, saruê, seriguê, micurê

Nome científico: *Didelphis albiventris*

Ocorrência: Ocorre no Paraguai, Uruguai, nas regiões norte e central da Argentina e sul da Bolívia. No Brasil, ocorre nas regiões leste, centro-oeste e sul.

Tamanho: Cabeça e corpo até 89 cm e cauda até 43 cm.

Descrição: Pelos com coloração grisalha (pelos negros misturados a pelos esbranquiçados). A face apresenta três listras pretas, sendo duas sobre os olhos e uma na frente. Orelhas pretas na base e rosadas ou esbranquiçadas na ponta. A cauda é preênsil, com pelos em até dois terços da base. As fêmeas possuem marsúpio (bolsa que abriga os filhotes em lactentes).

Alimenta-se de roedores, aves, anuros, lagartos, insetos, caranguejos e frutos. Apresenta habito solitário, crepuscular e noturno, utilizando tanto o solo como arbustos e árvores para se movimentar. É resistente ao veneno das serpentes, podendo se alimentar de espécies peçonhentas como a jararaca (*Bothrops jararaca*). A gestação varia de 12 a 14 dias e o número de filhotes gerados varia entre quatro e 14. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Gambá, saruê, mucura | *Didelphis marsupialis*



Foto: Ravena Mendonça

Nome (s) popular(s): Gambá, saruê, mucura

Nome científico: *Didelphis marsupialis*

Ocorrência: Ocorre do nordeste do México até as regiões centrais da Bolívia. No Brasil, ocorre nas áreas de transição Cerrado-Amazônia no Mato Grosso, Maranhão e Tocantins e nos demais estados da região norte.

Tamanho: Cabeça e corpo até 50 cm, assim como a cauda.

Descrição: A coloração dorsal pode ser negra ou grisalha e a pelagem ventral é creme-amarelada. Possui uma lista escura na fronte e outra sobre cada olho. A orelha é grande, sem pelos e negra. A cauda é preênsil, preta na base, seguida por uma porção branco-amarelada. As fêmeas possuem marsúpio (bolsa que abriga os filhotes em lactentes).

Alimenta-se de roedores, aves, anuros, cobras, invertebrados, frutos e néctar. Possui hábito noturno e solitário, utilizando tanto o solo como arbustos e árvores para se movimentar. É caçada e utilizada como alimento por comunidades na região norte do Brasil e sua gordura pode ser usada como remédio por essas comunidades. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Pixuna | *Necromys lasiurus*



Foto: Ravana Mendonça

Nome popular: Pixuna

Nome científico: *Necromys lasiurus*

Ocorrência: Ocorre na Bolívia, Paraguai e Argentina. No Brasil, ocorre na maioria dos estados em áreas de Cerrado e Mata Atlântica.

Tamanho: Cabeça e corpo 12,3 cm em média, cauda de 8,1 cm em média.

Descrição: Apresenta um fino anel de pelos claros ao redor dos olhos. A pelagem dorsal possui tom castanho e a pelagem ventral, acinzentado. O comprimento da cauda é menor que o comprimento da cabeça e corpo, sendo a primeira recoberta por pelos escuros na região superior.

Este pequeno roedor é terrestre, noturno e se alimenta principalmente de insetos. A reprodução pode ocorrer nos meses de abril, maio e junho. Indivíduos do mesmo sexo se confrontam fisicamente. O ninho é constituído de capim e folhas, podendo atingir 40 cm de profundidade. Geralmente há de três a seis filhotes por gestação. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Cuica | *Marmosa constantiae*



Foto: Thiago Semedo

Nome popular: Cuica

Nome científico: *Marmosa constantiae*

Ocorrência: Ocorre do leste do Peru ao norte da Bolívia e oeste do Brasil, nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia, oeste de Mato Grosso e extremo sudoeste do Pará.

Tamanho: Cabeça e corpo até 26,2 cm e cauda até 29,7 cm.

Descrição: Apresenta máscara facial enegrecida. Os pelos dorsais são castanhos-acinzentados claros ou escuros. A pelagem ventral é creme-amarelada, com faixas laterais de pelos grisalhos. A cauda é preênsil, com os 2 cm iniciais cobertos por pelos iguais aos do corpo e o restante, nu, com escamas dispostas em espiral. As fêmeas não possuem marsúpio (bolsa que abriga os filhotes em lactentes).

Este pequeno marsupial é onívoro, alimentando-se de invertebrados, vegetais e frutos. É arborícola, vivendo sobre árvores e arbustos. As fêmeas podem ter de nove a 10 filhotes. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Rato-da-árvore | *Oecomys matogrossensis*



Foto: Ravena Mendonça

Nome popular: Rato-da-árvore

Nome científico: *Oecomys matogrossensis*

Ocorrência: Ocorre no extremo sul dos estados do Pará e Rondônia e no estado de Mato Grosso.

Tamanho: Cabeça e corpo entre 8,5 e 13,5 cm e cauda entre 10,6 e 16 cm.

Descrição: Os pelos dorsais apresentam coloração cinza na base e castanha-avermelhada escura na ponta. Os pelos ventrais são grisalhos, exceto na garganta, pescoço, membros anteriores e genitália, onde os pelos são cremes. As orelhas são mais claras na base e castanhas escuras em direção às extremidades. A cauda é marrom e apresenta escamas com três pelos cada.

Este pequeno roedor é arborícola, mas explora também o solo das florestas. Não consta na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, E. F.; CASALI, D.; COSTA-ARAÚJO, R.; GARBINO, G. S. T.; LIBARDI, G. S.; LORETTO, D.; LOSS, A. C.; MARMONTEL, M.; MORAS, L. M.; NASCIMENTO, M. C.; OLIVEIRA, M. L.; PAVAN, S. E.; TIRELLI, F. P. **Lista de Mamíferos do Brasil** (2022-1) [Data set]. Zenodo. Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.7469767>.

ANACLETO, T. C. S.; MIRANDA, F.; MEDRI, I.; CUELLAR, E.; ABBA, A. M.; SUPERINA, M. *Priodontes maximus*. **The IUCN Red List of Threatened Species 2014**: e.T18144A47442343. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-1.RLTS.T18144A47442343.en>. Acesso em 19/05/2022.

AZEVEDO, F. C. C.; BASTILLE-ROUSSEAU, G.; MURRAY, D. L. Habitat selection of jaguars in a seasonally flooded landscape. **Mammalian Biology**, v. 101, p. 817-830, 2021.

BRAGA, F. G. Mamíferos dos Campos Gerais. *In*: MELO, M. S.; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. **Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, p. 123-133, 2007.

DE LA TORRE J.; GONZÁLEZ-MAYA J.; ZARZA H.; CEBALLOS G.; MEDELLÍN, R. The jaguar's spots are darker than they appear: assessing the global conservation status of the jaguar *Panthera onca*. **Oryx**, v. 52, p. 300-315, 2018.

FLESHER K. M.; MEDICI E. P. The distribution and conservation status of *Tapirus terrestris* in the South American Atlantic Forest. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 17, p. 1-19, 2021.

GUALDA-BARRROS, J.; NASCIMENTO, F. O.; AMARAL, M. K. A new species of *Callicebus* Thomas, 1903 (Primates, Pitheciidae) from the states of Mato Grosso and Pará, Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 52, p. 261-279, 2012.

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Volume II – mamíferos. Brasília: ICMBio, 2018. 623 p.

KILTIE, R. A.; TERBORGH, J. Observation on the behavior of rain forest peccaries in Peru: why do white-lipped peccaries form herds? **Zeitschrift fur Tierpsychologie**, v. 62, p. 241–255, 1983.

LIMA-SILVA, L. G.; FERREIRA, D. C.; ROSSI, R. V. Species diversity of Marmosa subgenus Micoureus (Didelphimorphia, Didelphidae) and taxonomic evaluation of the white-bellied woolly mouse opossum Marmosa constantiae. **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 187, p. 240–277, 2019.

LIMA-SILVA, L. G.; MENDONÇA, R. F. B.; DUTRA, L. S.; ROSSI R. V. 2022. New records and geographic distribution extension of two primate species in the Amazonia-Cerrado transition area, Brazil. **Mammalia**, v. 86, p. 333-337, 2022.

MARTINS A. B.; FIALHO M. S.; JERUSALINSKY L.; VALENÇA-MONTENEGRO M. M.; BEZERRA B. M.; LAROQUE P. O.; DE MELO F. R.; LYNCH ALFARO J. W. 2021. Sapajus libidinosus (amended version of 2019 assessment). **The IUCN Red List of Threatened Species 2021**: e.T136346A192593226. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T136346A192593226.en>. Acesso em 19/05/2022.

MEDICI, E. P.; DESBIEZ, A. L. J.; GONÇALVES DA SILVA, A.; JERUSALINSKY, L.; CHASSOT, O.; MONTENEGRO, O. L.; RODRÍGUEZ, J. O.; MENDOZA, A.; QUSE, V. B.; PEDRAZA, C.; GATTI, A.; OLIVEIRA-SANTOS, L. G. R.; TORTATO, M. A., RAMOS JR., V.; REIS, M. L.; LANDAU-REMY, G.; TAPIA, A.; MORAIS, A. A. (eds.). **Lowland tapir (*Tapirus terrestris*) population and habitat viability assessment (PHVA)**: final report. IUCN/SSC Tapir Specialist Group (TSG) & IUCN/SSC Conservation Breeding Specialist Group, 2007.

MIRANDA, F.; BERTASSONI, A.; ABBA, A. M. 2014. **Myrmecophaga tridactyla**. The IUCN Red List of Threatened Species 2014: e.T14224A47441961. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-1.RLTS.T14224A47441961.en>. Acesso em 19/05/2022.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Lista nacional oficial das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção**. Portaria nº 148, de 7 de Junho de 2022.

NIELSEN, C.; THOMPSON, D.; KELLY, M.; LOPEZ-GONZALEZ, C. A. **Puma concolor** (errata version published in 2016). The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T18868A97216466. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T18868A50663436.en>. Acesso em 20/05/2022.

NOWAK R. M. **Walker's mammals of the world**. Volume I. Sixth Edition. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999. 1933 p.

POLISAR, J.; MAXIT, I.; SCOGNAMILLO, D.; FARREL L.; SUNQUIST, M. E.; EISENBERG, J. F. Jaguars, pumas, their prey base, and cattle ranching: ecological interpretations of a management problem. **Biological Conservation**, v. 109, p. 297-310, 2003.

RAVETTA A. L.; FERRARI S. F. **Geographic distribution and population characteristics of endangered White-fronted spider monkey (*Ateles marginatus*) on the lower Tapajós River in central Brazilian Amazonia. *Primates*, v. 50, p. 261-268, 2009.**

REDFORD K. H.; EISENBERG J. F. **Mammals of the Neotropics**. Volume 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 435p.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. **Mamíferos do Brasil**. 1ª Edição. Londrina: Nelio R. dos Reis, 2006. 437 p.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; FREGONEZI, M. N.; ROSSANEIS, B. K. **Mamíferos do Brasil**: guia de identificação. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Technical Books, 2010. 560 p.

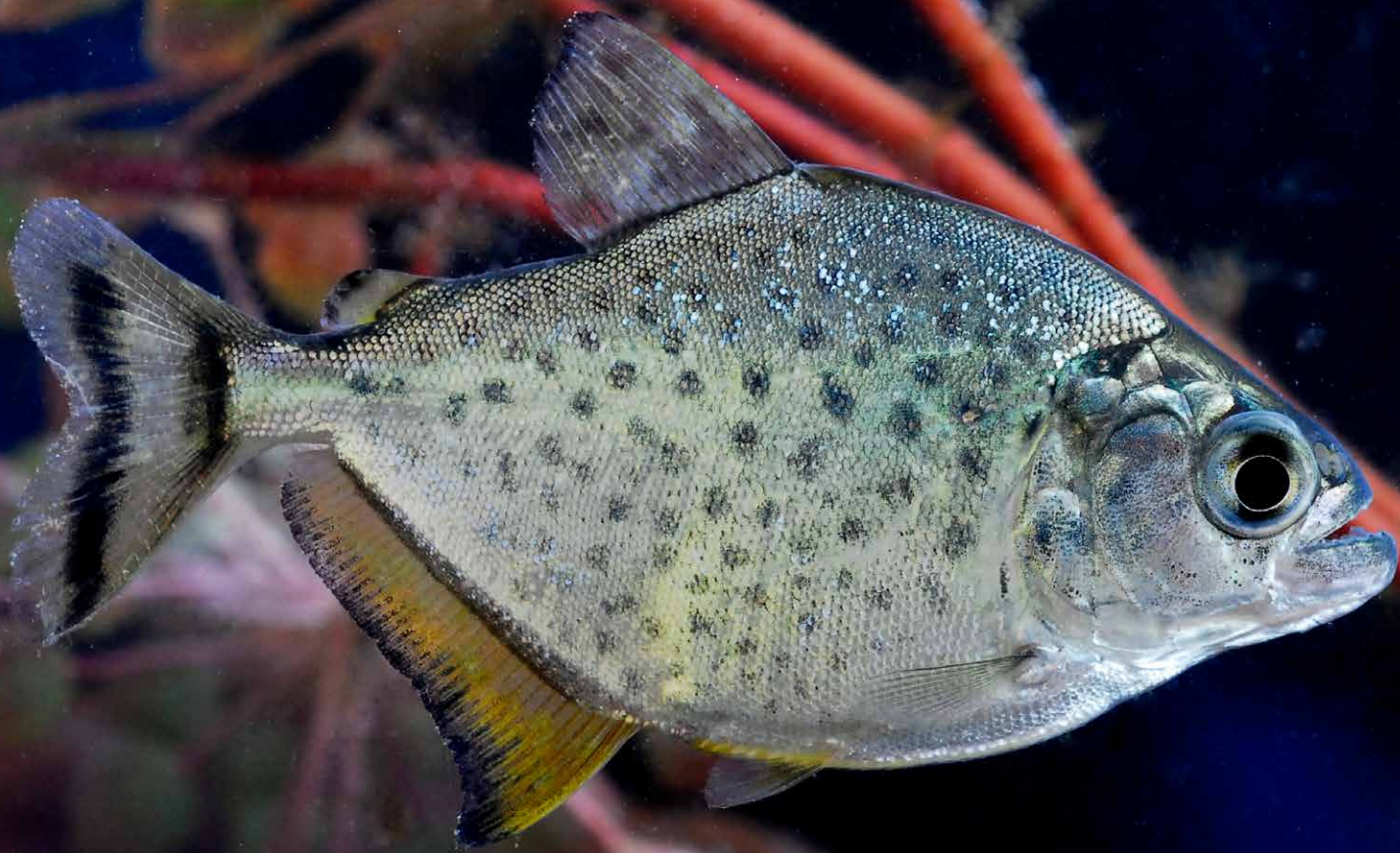
REIS N. R.; PERACCHI A. L.; BATISTA C. B.; ROSA G. L. **Primates do Brasil**. Rio de Janeiro: Technical Books, 2015. 328 p.

SALDANHA, J.; ROSSI, R. V. Integrative analysis supports a new species of the *Oecomys catherinae* complex (Rodentia, Cricetidae) from Amazonia. **Journal of Mammalogy**, v. 102, p.69–89, 2021.

QUIGLEY, H.; FOSTER, R.; PETRACCA, L.; PAYAN, E.; SALOM, R.; HARMSSEN, B. 2017. ***Panthera onca*** (errata version published in 2018). The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T15953A123791436. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T15953A50658693.en>. Acesso em 20/05/2022.

VARELA, D.; FLESHER, K.; CARTES, J. L.; DE BUSTOS, S.; CHALUKIAN, S.; AYALA, G.; RICHARD-HANSEN, C. ***Tapirus terrestris***. The IUCN Red List of Threatened Species 2019: e.T21474A45174127. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2019.1.RLTS.T21474A45174127.en>. Acesso em 20/05/2022.

PEIXES



PEIXES

Alexandre Cunha Ribeiro¹

Katiane Mara Ferreira¹

Os peixes são o grupo dominante de vertebrados aquáticos, e são extremamente diversificados. Na região Neotropical, que se estende do sul do México e sul da Flórida, passando por todas as ilhas do Caribe, América Central e América do Sul até os limites subpolares da Patagônia, existem cerca de 4.500 espécies de peixes de água doce. Entretanto, estimativas apontam que o total de espécies pode chegar a mais de 8.000 espécies. Para o Brasil, são conhecidas cerca de 2.600 espécies de peixes de água doce, distribuídas em várias bacias hidrográficas. Dentre as bacias hidrográficas brasileiras, a Bacia Amazônica é a mais rica em espécies de peixes. Durante os estudos ambientais desenvolvidos no âmbito do projeto de monitoramento da fauna da BR-242/MT, foram identificadas cerca de 94 espécies de peixes na região, distribuídas em 50 gêneros, 18 famílias e cinco ordens. A seguir, apresentamos algumas dessas espécies para ilustrar a rica biodiversidade local.

1 Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.

Peixe-cachorro, cachorra
| *Acestrorhynchus falcatus*



Foto: Autores

Nome popular: Peixe-cachorro, cachorra

Nome científico: *Acestrorhynchus falcatus*

Ocorrência: Bacias Amazônica e do Orinoco, rios das Guianas e rios costeiros do norte e nordeste do Brasil (incluindo rio Parnaíba no Piauí e rio Paraguaçu na Bahia).

Tamanho: 280 mm de comprimento padrão.

Predadora, de corpo fusiforme e mandíbulas alongadas. Alimenta-se de pequenos peixes em rios, ribeirões e riachos.

Piau | *Leporinus friderici*



Foto: Autores

Nome popular: Piau

Nome científico: *Leporinus friderici*

Ocorrência: Ocorre em todas as principais bacias hidrográficas sul-americanas.

Tamanho: 400 mm de comprimento padrão.

Onívora, tendendo à herbívora, com dieta constituída basicamente de frutos, sementes, algas filamentosas, insetos, moluscos e detritos. Possui corpo fusiforme e é muito bem adaptada a diversos tipos de ambientes, de remansos a corredeiras.

Piau | *Leporinus brunneus*



Foto: Autores

Nome popular: Piau

Nome científico: *Leporinus brunneus* Myers, 1950

Ocorrência: Amplamente distribuída em áreas de corredeiras de rios das bacias Amazônica e Orinoco.

Tamanho máximo: 180 mm de comprimento padrão.

Onívora, tendendo à herbívora, com dieta constituída basicamente de frutos, sementes, algas filamentosas, insetos, moluscos e detritos. Possui corpo fusiforme e é muito bem adaptada a corredeiras.

Lambarí, piaba | *Astyanax anterior*



Foto: Autores

Nome popular: Lambarí, piaba

Nome científico: *Astyanax anterior*

Ocorrência: amplamente distribuído pela bacia amazônica.

Tamanho máximo: 130 mm de comprimento padrão.

Onívora, capaz de explorar uma grande gama de recursos alimentares de origem animal (insetos, larvas) ou vegetal (folhas, algas e matéria orgânica). Vive em riachos e rios de água limpa e bem oxigenada.

Matrinxã | *Brycon falcatus*



Foto: Autores

Nome popular: Matrinxã

Nome científico: *Brycon falcatus*

Ocorrência: Amplamente distribuído pela Bacia Amazônica.

Tamanho máximo: 300 mm de comprimento padrão.

Onívora com tendência a herbívora (frutos). Vive em riachos e rios de água limpa e bem oxigenada.

Lambari | *Bryconops caudomaculatus*



Foto: Autores

Nome popular: Lambari

Nome científico: *Bryconops caudomaculatus*

Ocorrência: Amplamente distribuída nos rios do norte da América do Sul cisandina, Bacia do Orinoco, Bacia Amazônica e rios guianenses.

Tamanho máximo: 70 mm de comprimento padrão.

Alimenta-se principalmente de insetos e vive em ambientes com considerável correnteza, incluindo rios e riachos.

Rabo-vermelho, arari-pirá | *Chalceus epakros*



Foto: Autores

Nome popular: Rabo-vermelho, arari-pirá

Nome científico: *Chalceus epakros*

Ocorrência: Amplamente distribuída nas Bacias Amazônicas e do rio Orinoco.

Tamanho máximo: 200 mm de comprimento padrão.

Onívora; alimenta-se de pequenos insetos, frutos, sementes e flores que caem da mata de galeria sobre a água. Vive em pequenos cardumes nas margens dos rios.

Lambari | *Jupiaba acanthogaster*



Foto: Autores

Nome popular: Lambari

Nome científico: *Jupiaba acanthogaster*

Ocorrência: Amplamente distribuída nos afluentes da Bacia Amazônica que drenam o Escudo Brasileiro e também do Alto rio Paraguai.

Tamanho máximo: 50 mm de comprimento padrão.

Onívora, com dieta composta por macrófitas, larvas de insetos e insetos terrestres.

Tetra-pinguim | *Thayeria boehlkei*



Foto: Autores

Nome popular: Tetra-pinguim

Nome científico: *Thayeria boehlkei*

Ocorrência: Ocorre nas bacias dos rios Araguaia-Tocantins, Xingu e Tapajós.

Tamanho máximo: 60 mm de comprimento padrão.

Alimenta-se de pequenos insetos e crustáceos. Espécie ovípara; o macho estimula a fêmea a liberar os ovos. Fêmeas são ligeiramente maiores que os machos, e estes últimos possuem corpo retilíneo e são mais coloridos.

Canivete | *Characidium aff. zebra*



Foto: Autores

Nome popular: Canivete

Nome científico: *Characidium aff. zebra*

Ocorrência: Amplamente distribuído nos rios da América do Sul

Tamanho máximo: 50 mm de comprimento padrão..

Alimenta-se principalmente de insetos aquáticos e larvas de insetos.

Bicuda | *Boulengerella cuvieri*



Foto: Autores

Nome popular: Bicuda

Nome científico: *Boulengerella cuvieri*

Ocorrência: Amplamente distribuída na Bacia Amazônica, Bacia do rio Orinoco e rios Essequibo e Oiapoque.

Tamanho máximo: 800 mm de comprimento padrão.

Espécie piscívora. Ocorre na calha dos rios, geralmente próximo às corredeiras.

Casca-dura, João-duro | *Caenotropus schizodon*



Foto: Autores

Nome popular: Casca-dura, João-duro

Nome científico: *Caenotropus schizodon*

Ocorrência: Bacia do rio Tapajós e Madeira.

Tamanho máximo: 180 mm de comprimento padrão.

Alimenta-se de invertebrados aquáticos.

Jeju, traíra | *Hoplerythrinus unitaeniatus*



Foto: Autores

Nome popular: Jeju, traíra

Nome científico: *Hoplerythrinus unitaeniatus*

Ocorrência: Amplamente distribuída nas principais bacias sul-americanas ao leste dos Andes (Bacia do Orinoco, Bacia Amazônica, rios guianenses, Bacia Platina e rio São Francisco).

Tamanho máximo: 200 mm de comprimento padrão.

Ocorre em ambientes de águas lentas, muitas vezes encontrada em águas rasas junto à vegetação ripária. Espécie onívora (primariamente piscívora); alimenta-se de peixes, insetos e secundariamente de frutos, sementes, detritos, camarões e outros pequenos invertebrados.

Voador, voador-escama-fina, jutuarana | *Hemiodus microlepis*



Foto: Autores

Nome popular: Voador, voador-escama-fina, jutuarana

Nome científico: *Hemiodus microlepis*

Ocorrência: Ocorre nas Bacias dos rios Madeiras, Teles Pires, Tocantins e Orinoco.

Tamanho máximo: 240 mm de comprimento padrão.

Espécie onívora; alimenta-se de organismos bentônicos.

Piranha-preta ou piranha de olhos vermelhos | *Serrasalmus rhombeus*



Foto: Autores

Nome popular: Piranha-preta ou piranha de olhos vermelhos

Nome científico: *Serrasalmus rhombeus*

Ocorrência: Ocorre nas bacias dos rios Orinoco e Amazonas, incluindo os rios costeiros que drenam o Escudo das Guianas.

Tamanho máximo: 400 mm de comprimento padrão.

Espécie piscívora, abundante, encontrada na calha e margens de pequenos e grandes tributários, preservados ou em zonas degradadas.

Limpa-fundo | *Corydoras apiaka*



Foto: Autores

Nome popular: Limpa-fundo

Nome científico: *Corydoras apiaka*

Ocorrência: Conhecida apenas da Bacia do Tapajós.

Tamanho máximo: 35 mm de comprimento padrão.

Encontrada principalmente em pequenos riachos ou em lagoas marginais.

Bagre | *Rhamdia sp.*



Foto: Autores

Nome popular: Bagre

Nome científico: *Rhamdia sp.*

Ocorrência: Ocorre em todas as drenagens da América do Sul.

Tamanho máximo: 200 mm de comprimento padrão.

Espécies muito generalistas, encontradas nos mais diversos tipos de ambientes aquáticos.

Tuvira | *Sternopygus macrurus*

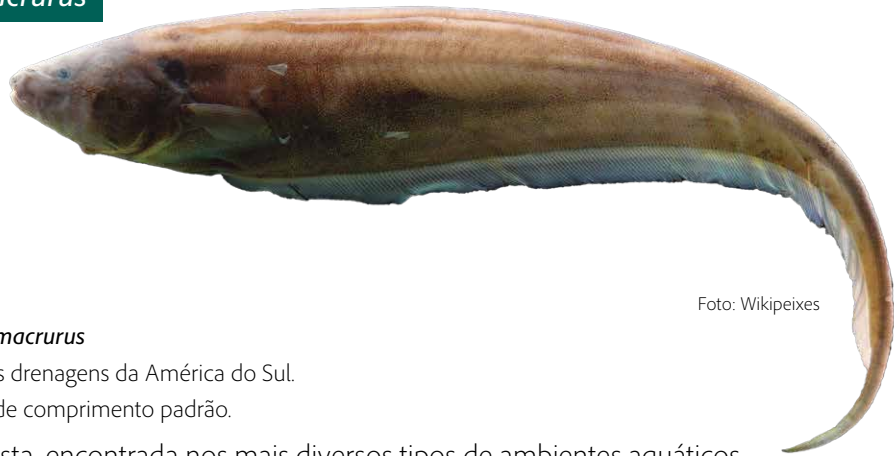


Foto: Wikipeixes

Nome popular: Tuvira

Nome científico: *Sternopygus macrurus*

Ocorrência: Ocorre em todas as drenagens da América do Sul.

Tamanho máximo: 1.400 mm de comprimento padrão.

Espécie muito generalista, encontrada nos mais diversos tipos de ambientes aquáticos.

Cará, Acará | *Aequidens tetramerus*



Foto: Autores

Nome popular: Cará, Acará

Nome científico: *Aequidens tetramerus*

Ocorrência: Ampla distribuição nas bacias hidrográficas no estado de Mato Grosso.

Tamanho máximo: 120 mm de comprimento padrão.

Espécie muito generalista, encontrada nos mais diversos tipos de ambientes aquáticos.

BIBLIOGRAFIA

Albert, J. S.; Reis, R. E. **Historical Biogeography of Neotropical freshwater fishes.**

Oakland: University of California Press, 2011. 406 p.

Buckup, P. A.; Menezes, N. A.; Ghazzi, M. S. **Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil.**

Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2007.

Vari, R. P.; Malabarba, L. R. Neotropical Ichthyology: an overview. In: Malabarba, L. R.; Reis, R. E.;

Vari, R. P.; Lucena, Z. M.; Lucena, C. A. (eds.). **Phylogeny and classification of Neotropical fishes.**

Porto Alegre: Edipucrs, p. 1-11, 1998.



INSETOS AQUÁTICOS

INSETOS AQUÁTICOS

Miriã Ferraz e Souza¹

Os ambientes aquáticos são habitados por uma grande variedade de animais. Neste sentido, rios, lagos e riachos são os habitats de peixes, jacarés, algumas cobras e pererecas, mas também são os locais onde encontramos bichos bem menores: os insetos aquáticos. Esses insetos são animais com tamanho maior que 0,6 mm de comprimento, que ficam no fundo dos lagos, rios e riachos. Possuem formas e colorações diferentes, que permitem seu reconhecimento. Apesar de serem bem pequenos, ainda são visíveis a olho nu. Estão sempre associados aos substratos do local em que ocorrem como, por exemplo, areia, folhas, rochas de diferentes tamanhos, pedaços de tronco e outros materiais que podem ali existir. As condições ambientais da água sempre serão um fator que determinará a presença ou não de um inseto aquático. A seguir, são apresentados alguns desses organismos encontrados no fundo dos rios que ficam na região da BR-242/MT.

1 Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Federal de Mato Grosso, Avenida Fernando Corrêa da Costa 2367, Cuiabá, Mato Grosso 78060-900, Brasil.

Mosquitos | *Chironomidae*



Fotos: insecta/ufv/Paruna

Larva de Chironomidae
Foto: Anderson Michiura

Nome popular: Mosquitos

Nome científico: *Chironomidae*

Ocorrência: Mundial

Tamanho: Até 30 mm de comprimento.

Chironomidae são organismos que pertencem ao grupo das moscas e mosquitos (ordem Diptera). No ambiente aquático, eles passam por três formas: a primeira é o ovo, depois se desenvolvem em uma larva e, em seguida, pupa. Por fim, transformam-se em mosquito ou mosca e saem da água. A forma de larva no ambiente aquático é o estágio mais visível. Seu corpo tem formato cilíndrico, sem cerdas, geralmente com a cabeça pequena e com tamanho entre 3 e 30 mm de comprimento. Podem ter variadas cores como, por exemplo, amarelo esbranquiçado, vermelho, marrom ou verde. Alguns gostam de viver dentro de tubos, construídos por eles mesmos com auxílio de uma seda produzida com a saliva. Esta seda faz grudar pequenos grãos de areia um no outro, formando o casulo. Outros vivem livres, escondidos na vegetação e debaixo de rochas. Esses bichinhos gostam de comer organismos microscópicos que existem na água. São muito tolerantes e conseguem permanecer no local mesmo quando a temperatura da água varia muito ou quando o oxigênio é escasso.

Borrachudos, piuns | *Simuliidae*



Fotos: insecta/ufv/Paruna

Nome popular: Borrachudos, piuns

Nome científico: *Simuliidae*

Ocorrência: Mundial.

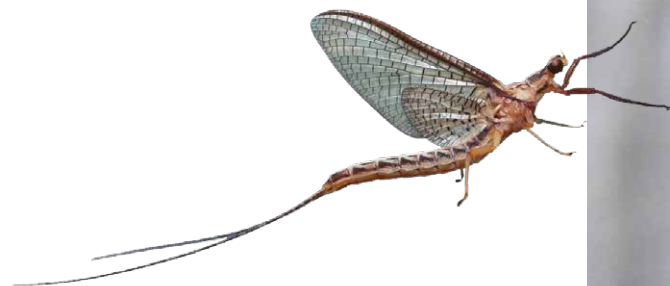
Tamanho: 5 a 6 mm de comprimento.



Larva de Simuliidae
Foto: Miriã Ferraz

Simuliidae também são organismos que pertencem ao grupo das moscas e mosquitos (ordem Diptera). Assim como os Chironomidae, passam por três estágios no ambiente aquático (ovo, larva e pupa) antes de se tornarem borrachudos e saírem da água. As larvas gostam de se fixar em folhas, rochas ou na vegetação submersa do rio, utilizando uma seda, produzida com a saliva. Na fase adulta, fora da água, são conhecidos como piuns ou borrachudos, que são mosquinhas bem pequenas que picam humanos e animais domésticos para se alimentarem de sangue. Algumas pessoas apresentam reação alérgica à picada dessa mosquinha.

Siriruias | Ephemeroptera



Fotos: via creative commons



Nome popular: Siriruias

Nome científico: *Ephemeroptera*

Ocorrência: Mundial

Tamanho: 3 a 35 mm de comprimento



Larva de Ephemeroptera
Foto: Miriã Ferraz

Os Ephemeroptera são um grupo de insetos conhecidos como siriruias. As larvas desses insetos gostam de ambientes aquáticos parados, como lagos, quanto com correntezas fortes, como rios e riachos. Usam as rochas, as folhas, pedras e raízes da vegetação submersa para se fixarem e se esconderem. Geralmente se alimentam de pequenos organismos microscópicos da água, mas algumas espécies podem preda larvas de mosquitos. São bons nadadores, podendo possuir filamentos no final do corpo que auxiliam na natação. Gostam de estar em rios e lagos de água bem limpa, sem poluição de lixos domésticos e agrotóxicos. Ao passarem para a fase adulta, saem da água e são muito atraídos pela luz. Seu tempo de vida como adultos não dura mais de um mês e após o acasalamento, eles morrem.

Mosca de pedra | Plecoptera



Fotos: insecta/ufv/Paruna



Nome popular: Mosca de pedra

Nome científico: *Plecoptera*

Ocorrência: Mundial.

Tamanho: 6 a 10 mm de comprimento.

Os Plecoptera são insetos com fase imatura (ninfa) aquática, que preferem ambientes com temperatura baixa e muito limpos, sem qualquer tipo de poluição. Alimentam-se de partículas microscópicas na água, pedaços de folhas ou de outros animais menores. Quando se tornam adultos, saem da água na forma de insetos voadores.



Larva de Plecoptera
Foto: Miriã Ferraz

Mariposas-d'água | *Trichoptera*



Fotos: insecta/ufv/Paruna



Larva de Trichoptera

Foto: Rogério Santos & Santiago Montoya-Molina

Nome popular: Mariposas-d'água

Nome científico: *Trichoptera*

Ocorrência: Mundial.

Tamanho: 1 a 45 mm.



Os Trichoptera são insetos que, na fase adulta, lembram pequenas mariposas. Apresentam fases de ovo, larva e pupa em ambientes aquáticos. Quando em fase de larva, apresentam corpo de coloração amarelada a marrom, geralmente de forma cilíndrica. A maioria das espécies constrói casulos e passa a maior parte do estágio de larva dentro deles. Os casulos são abrigos construídos com diferentes materiais (areia, folhas e pedaços de galhos), que são grudados com o auxílio de uma seda presente na saliva. As larvas de algumas espécies vão viver fora de casulo, apenas debaixo do substrato. A maioria das espécies gosta de água bem oxigenada e sem poluição. Por isso, junto com os Ephemeroptera e os Plecoptera formam um grupo chamado EPT (sigla formada pela inicial dos nomes dos três grupos), considerado excelente indicador da qualidade da água.

Libélulas | *Odonata*



Larva de Odonata
Foto: Miriã Ferraz

Fotos: insecta/ufv/Paruna

Nome popular: Libélulas

Nome científico: *Odonata*

Distribuição: Mundial.

Tamanho: 1 a 5 cm de comprimento.

Os Odonata são insetos que também vivem a fase de larva em ambientes aquáticos, tanto em lagos, com água parada, quanto em rios e riachos, onde há correntezas fortes. As formas e cores desses insetos são diversas, podendo ser amarelados com pintas escuras, amarelados bem claros ou marrons bem escuros. As larvas desses insetos são todas predadoras e se alimentam de outros insetos aquáticos, pequenos peixes e girinos. Em alguns casos ocorre até mesmo canibalismo, quando se alimentam de outras larvas de Odonata menores. Apresentam uma mandíbula capaz de se projetar para frente para facilitar a captura da presa. Após o estágio de larva, transformam-se em adultos conhecidos como libélulas, que habitam o ambiente terrestre. Na fase adulta também se alimentam de outros insetos e passam a ser alimento de outros animais, como sapos e aves. As libélulas podem apresentar importância econômica, sendo controladoras naturais de lagartas, moscas e outros insetos pragas de algumas culturas agrícolas.

Lacraia d'água | Megaloptera

Fotos: insecta/ufv/Paruna



Fotos: biodiversity4all



Larva de Odonata
Foto: Anderson Michiura

Nome popular: Lacraia d'água

Nome científico: *Megaloptera*

Distribuição: Mundial.

Tamanho: 10 a 100 mm de comprimento.

Na fase de larva aquática, os Megaloptera são conhecidos como lacraias d'água, pelo formato do seu corpo alongado com várias estruturas ao longo do corpo que lembram as várias pernas de uma lacraia. Além disso, são reconhecidas pela presença de uma mandíbula grande e um grande "colar" marrom ou avermelhado logo atrás da cabeça. Gostam de ficar em locais escuros com bastante folhas, embaixo de troncos de árvore e embaixo de rochas. São predadoras de outros insetos e pequenos animais. Quando se tornam adultos, são insetos voadores com asas grandes que ultrapassam o comprimento do corpo, continuam predadores e permanecem com a mandíbula grande.

BIBLIOGRAFIA

HAMADA, N.; NESSIMIAN, J. L.; QUERINO, R. B. (eds.) **Insetos aquáticos na Amazônia brasileira: taxonomia, biologia e ecologia**. Manaus: Editora do INPA, 2014.

SONADA, K. C.; FONSECA, R. B. **Mistério no mundo aquático submerso**. Brasília: EMBRAPA, 2019.

SOBRE OS AUTORES

Alexandre Cunha Ribeiro é Biólogo e Doutor em Zoologia (Unesp, Botucatu), professor do Instituto de Biociências (UFMT).

Allison Murilo é Biólogo e Mestrando em Ciências Florestais e Ambientais (UFMT).

André Pansonato é Biólogo, Mestre e Doutor em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Christine Strüssmann é Médica Veterinária, Mestra em Ecologia (Unicamp) e Doutora em Zoologia (PUC-RS), professora da Faculdade de Medicina Veterinária (UFMT).

Claudilívia Ferreira é Bióloga e Mestra em Zoologia (UFMT).

Elaine da Rosa Bueno é Bióloga, Mestra e Doutoranda em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Elizângela Silva Brito é Bióloga, Mestra e Doutora em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Jéssica Bueno da Silva Teixeira é aluna de graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Biociências (UFMT).

João Batista de Pinho é Biólogo, Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT) e Doutor em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre (UFMG), técnico do Instituto de Biociências (UFMT).

Katiane Mara Ferreira é Bióloga, Mestra e Doutora em Biologia Comparada (USP, Ribeirão Preto), professora do Instituto de Biociências (UFMT).

Leonan da Silva Dutra é aluno de graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Biociências (UFMT).

Luan Gabriel Lima-Silva é Biólogo, Mestre em Zoologia (UFMT).

Miriã Ferraz e Souza é Bióloga, Mestra e Doutoranda em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Moisés de Jesus Malaquias é aluno de graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Biociências (UFMT).

Nathália Victória é Bióloga e Mestranda em Zoologia (UFMT).

Ravena Fernanda Braga Mendonça é Bióloga, Mestra e Doutoranda em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Rogério Viera Rossi é Biólogo, Mestre e Doutor em Zoologia (USP), professor do Instituto de Biociências (UFMT).

Samuel Borges de Oliveira Júnior é Biólogo, Mestre em Educação e Meio Ambiente (UFMT) e Doutor em Ecologia e Recursos Naturais (UFSCar).

Tainá Figueras Dorado-Rodrigues é Bióloga, Mestra e Doutora em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Tiago Valadares Ferreira é Biólogo, Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT).

Resultado do Programa de Monitoramento da Fauna Bioindicadora da BR-242/MT realizado no âmbito do projeto "Gestão Ambiental da BR-242/MT" da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), financiado pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) e coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Miguel de Miranda, este guia foi elaborado para apresentar algumas das espécies de anfíbios, répteis, aves, mamíferos, peixes e insetos aquáticos encontrados na região. Parte delas é abundante e fácil de ser observada, mas algumas são mais raras e até ameaçadas de extinção.

